



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**FRANCIDALVA ALVES LOPES  
LENITA PASSOS DOS SANTOS**

**A LUDICIDADE NAS AULAS DE NHEENGATU**

**SANTARÉM-PÁ  
2024**

**FRANCIDALVA ALVES LOPES  
LENITA PASSOS DOS SANTOS**

**A LUDICIDADE NAS AULAS DE NHEENGATU**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, apresentado a coordenação da Universidade Federal do Oeste Pará, vinculada ao Instituto de Ciências da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Sousa Lima.

**SANTARÉM-PA  
2024**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa**

---

- L864 Lopes, Francidalva Alves  
A ludicidade nas aulas de Nheengatu./ Francidalva Alves Lopes e Lenita Passos dos Santos. – Santarém, 2024.  
55 p.: il.  
Inclui bibliografias.
- Orientadora: Maria de Fátima Sousa Lima.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Pedagogia.
1. Nheengatu. 2. Ludicidade. 3. Educação indígena. I. Santos, Lenita Passos dos. II. Lima, Maria de Fátima Sousa, *orient.* III. Título.

CDD: 23 ed. 371.9198115

## **AGRADECIMENTOS**

Francidalva Alves Lopes

Esta é a síntese de uma trajetória que congregou as vozes de todos aqueles que por ela passaram, uma trajetória que só pode se construir, primeiramente, pela permissão de Deus, em segundo pelo movimento daqueles que de uma forma ou de outra cooperaram para a realização deste estudo.

Às minhas filhas Stephanie Camille Lopes Barbosa, Hannah Jaine Lopes Rodrigues, Geovanna Evilly Lopes Sousa, Ágatha Mayara Lopes Sousa, Sara Eloá Lopes Sousa e meu filho Marcos Vinicius Lopes Sousa – meus melhores AMORES – que me ensinam a cada dia a concretização de uma teoria, que nos faz olhar o mundo ao nosso redor e, principalmente, o outro, como a constituição de nós mesmos.

À minha mãe Tereza Alves Lopes, minha fonte de INSPIRAÇÃO e eterno exemplo de vida. Obrigadas orações e súplicas, que apesar de lutar contra a neoplasia sempre me inspirei nela.

Ao meu pai Olegário Lopes que sempre sonhou ver um dos seus filhos formados, posso dizer que hoje sou o orgulho da minha família.

Ao meu esposo Maicon Sousa que me conduzia até a universidade quando precisei.

Ao meu irmão Fredson Carlos Alves Lopes que sempre dizia que eu iria conseguir, acreditou na minha capacidade e inteligência.

A minha cunhada Mariângela Gomes do Nascimento sempre me apoiando em tudo por muitas vezes foi, minha conselheira.

À minha dupla, Lenita Passos dos Santos a qual sempre me acompanhou e me ajudou durante em tudo, estivemos juntas desde o primeiro dia de aula na universidade, sempre fizemos trabalhos juntos no mesmos grupos e dupla, praticamente em todos os estágios e não podia ser diferente para fechamos com êxito no TCC. Um exemplo de parceria e comprometimento.

A professora Dra. Maria de Fátima Sousa Lima, que desde o primeiro momento aceitou com todo prazer, não mediu esforços em nos orientar, sempre esteve tão disponível e comprometida com nosso trabalho, uma sabedoria superabundante.

E por fim, aos amigos e colegas, tanto da universidade quanto de vida, que de alguma forma me apoiaram, com um destaque carinhoso, a Joseanne dos Santos Sena, Kathe de Jesus Santos, Sanylla Patrice Silva Fernandes, assim como Lenita Passos dos Santos, com quem compartilhei sentimentos conflitantes de alegria, angústia, alívio, apoiando-nos mutuamente, sobretudo em todo o curso. Agradeço por cada ajuda, mas, acima de tudo, agradeço pela AMIZADE que construímos, nunca me deixaram sozinha, sempre me dando forças para não desistir, muitas vezes pensei em trancar, mas vocês diziam “não desista amiga você consegue”, estavam ali segurando nas minhas mãos, foram meu porto seguro criamos nosso quinteto, sempre damos boas risadas, sempre com as melhores alegrias para que tudo se tornasse mais leve. Uma coisa é fato que pude aprender que a gente não vence sozinha, Deus sempre coloca pessoas especiais para nos ajudar, sendo preciso união, parceria e humildade. Assim cada uma de vocês fazem parte dessa conquista que tanto almejei para minha vida. Nunca desisti do meu sonho de cursar um ensino superior e dar uma vida melhor para os filhos.

Caio Lira, Leilson Colares e Sanny Rocha são pessoas incríveis com quem compartilhei conhecimento, aprendizagem e desafios que surgiram ao longo do curso. Vocês fazem parte dessa conquista sempre me dando apoio.

Minha gratidão a todos vocês!

## AGRADECIMENTOS

Lenita Passos dos Santos

A realização deste trabalho de conclusão de curso representa um marco importante em minha trajetória acadêmica e pessoal. Primeiramente agradeço a Deus por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Um agradecimento especial a minha família que sempre esteve ao meu lado, oferecendo amor e incentivo incondicional. Principalmente aos meus filhos: Kemile Santos, Breno Santos e Luana Santos, que foram minhas fontes de inspiração e incentivo nos momentos difíceis e em bons momentos. Quando eu pensava em desistir, sempre estavam ao meu lado, me dando coragem para continuar. Sempre falavam “mãe não desista, está quase no final, e quer desistir, vai em frente que você é capaz e vai conseguir”.

Também gostaria de agradecer ao meu esposo Manoel Reinaldo Campos que desde o início sempre esteve ao meu lado me dando apoio, me ajudando nos tempos difíceis, nos desafios e celebrando as vitórias.

Agradeço aos meus pais Divanilda Passos e Miguel Carmo que mesmo de longe se preocupavam comigo, com minha saúde e mesmo não aceitando minha ausência, sempre me apoiaram.

As minhas irmãs que acreditavam no meu potencial e que me apoiaram bastante. Meus dois irmãos, um deles que sempre orou pela minha vitória, outro que não muito confiante, mas no fundo admitia que eu era capaz.

A minha parceira de dupla, Francidalva Alves, que sempre estivemos juntas, desde o início que ingressamos na universidade, apesar de tantas dificuldades e aperreios, conseguimos concluir nosso trabalho com garra e coragem.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à professora Dra. Maria de Fátima Lima, que foi prontamente a aceitar nos orientar, pela sua dedicação em suas orientações prestadas na elaboração deste trabalho, pelo incentivo e paciência.

Aos meus colegas e amigos que adquiri durante esta jornada, em especial a Joseane Sena, Kathe de Jesus, Sanylla Patrice e Francidalva Lopes, com quem estive sempre junta. Me deram total apoio, vocês foram minhas colegas e irmãs que ganhei dentro e fora da universidade, pessoas carinhosas e amorosas que nos piores momentos de fraqueza estiveram sempre me dando apoio, palavras de

incentivo, me fortaleceram quando falavam que eu era uma mulher guerreira, inteligente, capaz de conquistar meus objetivos. Tantos conselhos, consolos, palavras maravilhosas que recebia dessas pessoas maravilhosas, nunca esquecerei, carregarei dentro do meu coração cada uma delas, por onde eu for, por onde eu viver, foram tantos momentos que vivenciamos juntas, bons e ruins, mas que sempre estávamos juntas, nosso quinteto, sempre permaneceu e permanecerá. vocês são meninas de ouro, enfim, construímos uma história.

Caio Lira, Sanny Andressa, mais duas pessoas maravilhosas que também sou grata pelas nossas amizades, e que sempre acreditaram no meu potencial, se preocupavam comigo, sempre que fraquejava, nos momentos de ansiedade estavam lá com suas palavras de força, de incentivo sempre me engrandecendo, cada um de vocês contribuíram de maneira significativa. Enfim, meus sinceros agradecimentos, a cada um de vocês que fizeram parte da minha trajetória. Muito obrigado a todos!

## RESUMO

Este artigo investigou a utilização da ludicidade nas aulas de Nheengatu como uma metodologia eficaz para promover o ensino e a prática da língua indígena. A opção pelo tema se deu pela relevância da preservação das línguas e tradições culturais dos povos indígenas, especificamente o Nheengatu, que desempenha um papel fundamental na identidade cultural das comunidades. O objetivo deste estudo foi analisar como atividades lúdicas, como jogos, músicas e danças, podem facilitar a aprendizagem da língua e fortalecer a conexão dos estudantes com suas raízes culturais. A pesquisa foi de natureza qualitativa, baseada em uma revisão integrativa da literatura, utilizando como metodologia a análise de estudos que abordam o uso de práticas lúdicas no ensino de línguas indígenas. Os instrumentos de coleta de dados incluíram a análise de documentos e artigos científicos relacionados ao ensino do Nheengatu e à ludicidade. O referencial teórico foi fundamentado nas contribuições de autores como Piaget e Vygotsky, que enfatizam a importância do jogo no desenvolvimento cognitivo e social, além de outros autores que destacam a relevância da ludicidade no contexto educacional. O estudo foi dividido em três partes principais: a importância da ludicidade na educação indígena, a aplicação da ludicidade no ensino do Nheengatu, e os desafios e contribuições dessas práticas para a preservação cultural. Os resultados indicam que as práticas lúdicas não apenas aumentam o engajamento e a motivação dos estudantes, mas também contribuem significativamente para a preservação das tradições culturais e linguísticas dos povos indígenas. No entanto, foram identificados desafios, como a falta de infraestrutura adequada e a necessidade de formação contínua dos professores. Conclui-se que a integração de elementos culturais nas práticas pedagógicas é essencial para uma educação intercultural e inclusiva, que valorize e preserve o patrimônio cultural dos povos indígenas, ao mesmo tempo em que forma cidadãos mais conscientes sobre sua herança cultural. Essas práticas lúdicas não apenas enriquecem o aprendizado, mas também fortalecem a identidade cultural dos alunos, permitindo que eles se tornem agentes ativos e conscientes na efetiva preservação de suas valiosas tradições e na promoção do conhecimento sobre suas raízes.

**Palavras-chave:** Nheengatu. Ludicidade. Educação indígena.

## RESUMO

Kwá Sikarisawa yapukuá katuasawa utilzaeusawa musarai suí mbué Nheengatú suí, mayé yepé mayé upuraki, pitá arã artgo, munhãsa mbué, prática nheega karu sui. A opção rápida Tema se meê ruppi relevância sui yapreservarysawa nheegaitá suitá tradições kutiwara miraitá suí. A Opção rupi Tema se meê rupi relevância sui yapreservarysawa nheegaitá suitá traduções kutiwara mraitálá suí. miraitá. O maãtaá aputari especialmente Nheengatú awa desempenha yepé papera fundamental identidade upé kutiwaraitá rendadaitá. Maá taá aputari mbué analisar mayé purakisawa musarai mayé jogos nheegarisa, purakesá, yafacilitary mbuesá nheenga suí fortalezery a conexão yumbuesaraitá irũ neitá rupiitá kutiwaraitá. A Nheereusawa natureza qualitativa baseada rupi yepé yarevisão yainterativa mungitá yutilizary mayé nayé upuraki análise yumbuesawa awa abordam uso suí práticas musaraitá yumbuesawa nheenga karu sui Munhãyuwaitá mutiari dados suí incluíram alguns documentos: artigos científicos, relacionados mbué Nheengatú suí, musarai suí. Referencial Teorico yepeasú mungawaau autores suí mayé Piaget Vigotsk awa yaenfatizary importância jogo suí sinigawa upé, cognitivo e social. Além amuitá suíitá autores awa destacam-se a relevância lúdicidade suí contexto upé mbuesawa. Mbué iapusawa musapiri upé pitera yaprincipais: importância lúdicidade suí umbuesawa upé karu, aplicação musarai suí. Mbué upé Nheengatú suí desafios e contratações kwaitá práticas awa musarai TI apenas museiwa engajamento e a motivação yubnnuesaraitá, mas também meê yepeasú munhã aeretewa urikuewa arã mbuesawaitá kutiwaraitá, nheengaitá, miraitá, karuitá suíitá. Entretanto upé identificado muiaué desafios mayé falta infraestrutura suí, formação continuada mbuesaitá. Conclui-se a integração elementos suí práticas pedagógicas, é essencial yepé arã mbuesá intercultural. Miraitá, karuitá suí inclusiva ramé upé awa yaformary cidadãos retana consciente rupi yepé herança kutiwarasawa. Kwá práticas enriquecem mbuesá mukirimbawa arã a identidade kutiwarasawa yumbuesaraitá suitá xiarisawa. Aintá awa agentes ativos conscientes upé efetivo yappreservary neitá rupiitá kutiwaraitá ne rupi.

**Yasawa, sekindawara:** Musawa. Mbuesá. Karu sui.

## **ABSTRACT**

This article investigated the use of playfulness in Nheengatu language classes as an effective methodology to promote the teaching and practice of this indigenous language. The choice of the theme was driven by the importance of preserving indigenous languages and cultural traditions, specifically Nheengatu, which plays a fundamental role in the cultural identity of indigenous communities. The aim of this study was to analyze how playful activities, such as games, music, and dances, can facilitate language learning and strengthen students' connection with their cultural roots. This qualitative research was based on an integrative literature review, using as methodology the analysis of studies that address the use of playful practices in the teaching of indigenous languages. The data collection instruments included document analysis and scientific articles related to Nheengatu teaching and playfulness. The theoretical framework was based on contributions from scholars such as Piaget and Vygotsky, who emphasize the importance of play in cognitive and social development, as well as other authors who highlight the relevance of playfulness in the educational context. The study was divided into three main parts: the importance of playfulness in indigenous education, the application of playfulness in Nheengatu teaching, and the challenges and contributions of these practices to cultural preservation. The results indicate that playful practices not only increase student engagement and motivation but also significantly contribute to the preservation of indigenous cultural and linguistic traditions. However, challenges such as a lack of adequate infrastructure and the need for continuous teacher training were identified. It is concluded that the integration of cultural elements into pedagogical practices is essential for intercultural and inclusive education, which values and preserves the cultural heritage of indigenous peoples. At the same time that it forms more conscious citizens about their cultural heritage. These playful practices not only enrich learning, but also strengthen the cultural identity of students, allowing them to become active and conscious agents in the effective preservation of their valuable traditions and in the promotion of knowledge about their roots.

**Keywords:** Playfulness. Indigenous education. Teaching methodology.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Quantidade de alunos matriculados em escolas de áreas indígenas no Planalto de Santarém (PA), 2024.....	35
<b>Tabela 2</b> – Quantidade de alunos matriculados em escolas de áreas indígenas no Tapajós de Santarém (PA), 2024.....	36
<b>Tabela 3</b> – Quantidade de alunos matriculados em escolas de áreas indígenas no Arapiuns de Santarém (PA), 2024.....	38

## **LISTA DE SIGLAS**

ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
CME	Conselho Municipal de Educação
GCI	Grupo de Consciência Indígena
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
CITA	Conselho Indígena Tapajós Arapiuns

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Compreendendo a ludicidade: aspectos históricos.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 A ludicidade nos documentos legais.....</b>	<b>23</b>
<b>3 A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INDÍGENA A PARTIR DOS DOCUMENTOS – LITERATURA.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 A ludicidade na Educação Indígena.....</b>	<b>28</b>
<b>3.2 Histórico do nheengatu.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3 A ludicidade nas aulas de formação docente para trabalhar o Nheengatu..</b>	<b>31</b>
<b>3.4 Nheengatu no Município de Santarém.....</b>	<b>34</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A ludicidade na educação tem se destacado como uma metodologia eficaz para o ensino e a aprendizagem, proporcionando um ambiente de aprendizado mais dinâmico e envolvente. A utilização de atividades lúdicas nas escolas não apenas facilita a assimilação de conteúdos, mas também promove a criatividade, a interação social e o engajamento dos estudantes. Neste contexto, a ludicidade tem um papel crucial, especialmente no ensino de línguas e culturas tradicionais, como o nheengatu, uma língua indígena da região amazônica. Este trabalho tem como tema a ludicidade nas aulas de nheengatu. O objetivo geral desta pesquisa é investigar como as atividades lúdicas podem ser utilizadas para promover o ensino e a prática do nheengatu entre os alunos.

Para alcançar esse objetivo, serão analisados como as atividades lúdicas são utilizadas para promover o ensino e a prática do nheengatu entre os alunos, identificados os recursos pedagógicos específicos que exploram a ludicidade, tais como jogos, brincadeiras e músicas,

Avaliadas como essas atividades contribuem para o engajamento dos estudantes. Além disso, será investigado de que forma a ludicidade nas aulas de nheengatu incentiva a preservação da cultura e tradições indígenas, além do ensino da língua em si. A preservação das línguas indígenas é um desafio contínuo, dado o risco de extinção enfrentado por muitas delas. O nheengatu, como uma das línguas indígenas do Brasil, carrega consigo um vasto patrimônio cultural e histórico. A educação escolar, ao incorporar a ludicidade no ensino dessa língua, pode desempenhar um papel vital na sua preservação e disseminação. Através de jogos, músicas e outras atividades lúdicas, os alunos não apenas aprendem a língua de maneira mais eficaz, mas também desenvolvem um apreço maior pela cultura e tradições de seus ancestrais. Este estudo é relevante porque busca compreender e valorizar a integração de práticas lúdicas no ensino do nheengatu, visando não apenas a aprendizagem da língua, mas também o fortalecimento da identidade cultural dos alunos indígenas. Ao destacar métodos pedagógicos que promovem o engajamento e a motivação dos estudantes, esta pesquisa pretende oferecer insights valiosos para educadores e formuladores de políticas educacionais interessados na preservação e revitalização das línguas indígenas no Brasil.

O presente estudo tem como objetivo investigar como as atividades lúdicas podem ser utilizadas para promover o ensino e a prática do nheengatu entre os alunos. Especificamente, busca identificar como essas atividades são aplicadas no contexto educacional, explorando recursos pedagógicos como jogos, brincadeiras e músicas, além de avaliar o impacto dessas práticas no engajamento e motivação dos estudantes. Outro aspecto relevante a ser abordado é a contribuição da ludicidade para a preservação da língua e da cultura indígena, particularmente no ensino de nheengatu.

A metodologia adotada foi uma revisão bibliográfica e uma entrevista com a ex-coordenadora da Educação Indígena Iara Elizabeth Sousa Ferreira. A pesquisa é de natureza qualitativa, com uma abordagem descritiva. A combinação da revisão bibliográfica com a entrevista forneceu uma base sólida para compreender como a ludicidade é incorporada nas aulas de Nheengatu e quais são os impactos dessas práticas na aprendizagem e na preservação da língua e da cultura indígena.

As questões que norteiam este estudo são: Quais atividades lúdicas são utilizadas nas aulas de nheengatu? Como essas atividades contribuem para o engajamento e a motivação dos estudantes? E, de que maneira essas práticas ajudam na preservação da língua e da cultura indígena? Essas perguntas orientam a pesquisa no sentido de compreender os efeitos da ludicidade tanto na aprendizagem da língua quanto na valorização cultural.

O referencial teórico deste trabalho baseia-se nas contribuições de autores como Piaget e Vygotsky, que destacam a importância do jogo no desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Piaget classifica os jogos de acordo com os diferentes estágios de desenvolvimento, enquanto Vygotsky enfatiza o papel do jogo na criação da Zona de Desenvolvimento Proximal, onde as crianças podem aprender com o apoio de mediadores. Além desses teóricos, autores como Kishimoto e Bacelar destacam a relevância da ludicidade no contexto educacional, sublinhando sua eficácia em promover uma aprendizagem significativa e o desenvolvimento integral dos alunos.

Este estudo foi estruturado de forma a abordar, inicialmente, o conceito de ludicidade na educação em geral, seguido de uma análise de sua aplicação na educação indígena. A parte final focará especificamente na aplicação da ludicidade nas aulas de nheengatu, discutindo os impactos observados nas práticas pedagógicas e na preservação cultural. A pesquisa visa oferecer uma contribuição

para a compreensão de como as atividades lúdicas podem ser utilizadas como ferramentas eficazes no ensino de línguas indígenas e na promoção da valorização cultural.

## **2 A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO**

Ludicidade é a qualidade ou característica do que é lúdico. O termo "lúdico" está relacionado ao jogo, à brincadeira, à atividade recreativa, ao prazer e à diversão. Assim, ludicidade refere-se ao estado ou à condição de estar envolvido em atividades que são recreativas, prazerosas, espontâneas e que geralmente ocorrem de maneira livre, sem uma finalidade utilitária imediata, ou seja, é um investimento ao prazer, pela satisfação. Na prática pedagógica e no contexto educacional, a ludicidade envolve a utilização de elementos lúdicos como estratégia para estimular o aprendizado e o desenvolvimento integral dos indivíduos. Isso pode incluir jogos educativos, brincadeiras, música, arte, teatro, entre outras atividades que incentivam a participação ativa dos alunos e promovem a construção de conhecimento de maneira mais dinâmica e engajante.

### **2.1 Compreendendo a ludicidade: aspectos históricos**

A história da educação é marcada pela evolução das práticas pedagógicas e metodologias de ensino, que variaram conforme os contextos históricos e culturais de cada época. Na Antiguidade, Platão já enfatizava a importância dos jogos no processo educativo, afirmando que meninos e meninas deveriam participar juntos de atividades lúdicas para facilitar o aprendizado. Esse pensamento foi expandido durante o Renascimento por Rabelais, que defendia o uso de jogos e atividades recreativas como instrumentos para ensinar leitura, desenho, aritmética e geometria (Sant'anna; Nascimento, 2011).

Sant'anna e Nascimento (2011), dizem que no século XVIII, teóricos como Rousseau e Pestalozzi continuaram a defender a ludicidade como um componente essencial na educação. Rousseau, em sua obra "Emílio", propôs que a educação deveria ser baseada no desenvolvimento natural da criança, valorizando as atividades lúdicas como forma de aprendizagem. Pestalozzi, por sua vez, enfatizou a importância do amor e da prática no processo educativo, utilizando jogos para desenvolver habilidades cognitivas e sociais

No século XX, com o desenvolvimento das teorias psicológicas e pedagógicas, o uso do lúdico na educação ganhou ainda mais relevância. Piaget e Vygotsky foram dois dos principais teóricos a estudar a relação entre o jogo e o desenvolvimento infantil. Piaget classificou os jogos em diferentes estágios,

conforme a faixa etária das crianças, enquanto Vygotsky destacou o papel do jogo na criação da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), onde as crianças podem aprender com a mediação de adultos e colegas (Sant'anna; Nascimento, 2011).

De acordo com Costa et al. (2020), durante séculos, as crianças não recebiam a atenção e o respeito que têm atualmente. O valor atribuído à infância era mínimo, com crianças sendo rapidamente inseridas no universo dos adultos, submetidas a trabalhos precoces e frequentemente afastadas do ambiente escolar. Por isso, a educação é importante para transformar a vida humana. Na fase inicial da infância, é possível estabelecer as bases para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, afetivas, sociais, psicomotoras e morais.

Assim, é fundamental reconhecer a importância das atividades lúdicas na educação. Compreender como as crianças aprendem através de jogos e brincadeiras pode favorecer significativamente seu desenvolvimento. A ludicidade não só promove a aprendizagem, mas também melhora o convívio afetivo e social entre os alunos, suas famílias e a sociedade. (Costa et al., 2020). O uso do lúdico é essencial para o aprendizado das crianças, pois permite que elas se desenvolvam e se apropriem da cultura de maneira agradável. Para ser eficaz, essas atividades devem ser voluntárias, já que a imposição elimina sua principal característica: a liberdade de escolha (Carmo et al., 2017).

Bacelar (2009) relata a importância da ludicidade no desenvolvimento infantil, destacando como a brincadeira é fundamental para o aprendizado e o bem-estar das crianças. A autora argumenta que a ludicidade não é apenas uma atividade de lazer, mas uma experiência interna que promove a integração entre sentimento, pensamento e ação. A autora enfatiza que os educadores devem estar atentos às expressões corporais das crianças para identificar se uma atividade está realmente proporcionando uma vivência lúdica, o que requer uma sensibilidade refinada para "ver e ouvir" os gestos das crianças (Bacelar, 2009). Esta abordagem, segundo Bacelar, é essencial para criar um ambiente educativo que favoreça o desenvolvimento pleno e integral dos alunos.

Gonçalves (2018) destaca a importância do lúdico no desenvolvimento humano e no processo de ensino-aprendizagem. Ela argumenta que as atividades lúdicas, ao envolverem brincadeiras e jogos, estimulam a criatividade e o desenvolvimento integral do indivíduo, tornando-se ferramentas essenciais na educação. Gonçalves observa que essas atividades não apenas tornam o

aprendizado mais atraente e dinâmico, mas também auxiliam no desenvolvimento físico, mental e intelectual dos alunos, além de contribuir para o contexto sócio-histórico do indivíduo. A ludicidade, segundo a autora, facilita a comunicação entre educadores e alunos, promovendo um ambiente educacional motivador e inclusivo que valoriza as relações sociais e a aquisição de novos conhecimentos de maneira prazerosa e significativa (Gonçalves, 2018).

Nascimento (2022) aborda a relevância da ludicidade no contexto educacional, destacando como essa abordagem pode contribuir para a aprendizagem significativa das crianças. A autora enfatiza que a ludicidade, ao ser incorporada às práticas pedagógicas, facilita a interação, a apropriação de objetos e conteúdo, e promove um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e prazeroso. Nascimento (2022) defende que o uso de atividades lúdicas no ensino permite que as crianças desenvolvam habilidades cognitivas, motoras, sociais e afetivas de forma integrada e significativa. Portanto, é responsabilidade do educador criar um ambiente que seja apropriado e agradável para as crianças. Ao ingressar na educação infantil, a criança manifesta curiosidade, imaginação e desejo de explorar o mundo, o que pode ser alcançado por meio do brincar. Contudo, é vital perceber o brincar como algo mais do que uma simples atividade recreativa; é uma oportunidade bem planejada que auxilia a criança na construção de seu conhecimento.

Nesse sentido, Kishimoto (2010) argumenta que brincar é a atividade principal no cotidiano da criança, permitindo-lhe autonomia para tomar decisões e expressar sentimentos e valores, melhorando seu relacionamento interpessoal. A expressão desses fatores se dá por meio de diferentes linguagens, como a expressão corporal, movimentos e criação. Observa-se, durante o brincar, questões sociais ocultas, como a menina que brinca de casinha, cuidando da comida e dos filhos – bonecos –, refletindo os papéis tradicionais impostos às mulheres na sociedade.

A pedagogia lúdica, conforme Kishimoto (1994), envolve a utilização de jogos, brincadeiras e outras atividades recreativas que favorecem a aprendizagem de forma prazerosa e significativa. A autora argumenta que o lúdico não apenas desperta o interesse e a curiosidade das crianças, mas também facilita a assimilação de conteúdos complexos, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e interativo.

Além disso, o lúdico contribui para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Para Oliveira (2000), as atividades lúdicas permitem que as crianças experimentem diferentes papéis sociais e emoções, promovendo a empatia, a cooperação e a resolução de conflitos. Esta abordagem pedagógica reconhece que a aprendizagem não se restringe ao âmbito cognitivo, mas envolve também aspectos afetivos e sociais fundamentais para a formação integral do indivíduo.

O lúdico também se mostra eficaz no combate à evasão escolar e ao desinteresse dos alunos. Segundo Kishimoto (2010), a introdução de atividades lúdicas no currículo escolar pode transformar a percepção dos estudantes em relação à escola, tornando-a um espaço mais acolhedor e estimulante. Esta mudança de perspectiva é importante para engajar os alunos e promover a permanência e o sucesso escolar.

Para Moyles (2002) o lúdico na educação permite que as crianças aprendam de forma integrada e contextualizada, favorecendo o desenvolvimento de competências essenciais para a vida em sociedade. Moyles enfatiza que o lúdico não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma estratégia pedagógica que promove a aprendizagem significativa. Piaget (1976) também destaca a importância do lúdico no desenvolvimento cognitivo das crianças. Ele argumenta que, através do jogo, as crianças são capazes de desenvolver suas habilidades de raciocínio, resolução de problemas e criatividade. Para Piaget, o lúdico é uma ferramenta essencial para a construção do conhecimento, permitindo que as crianças explorem e compreendam o mundo ao seu redor de maneira ativa e engajada.

A ludicidade é considerada uma das concepções eficazes para o ensino e desenvolvimento da criança pois tem a característica de envolvê-las nas atividades escolares, de certa forma a brincadeira é algo da infância. O que a torna uma necessidade do aluno para desenvolver suas habilidades, ou seja, é um recurso pedagógico indispensável no processo de ensino aprendizagem. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ressalta que

Ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de

testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos (2017, p. 57-58).

Os jogos e brincadeiras proporcionam para as crianças várias situações que os permitem solucionar problemas, com o intuito de desenvolver neles conhecimentos e vivências que serão úteis para sua vida. Desenvolve-se também a socialização, a interação entre os colegas, o social, o afetivo, o esperar a sua vez, o cuidado com o próximo, a questão do ganhar e perder, o controle dos sentimentos, o raciocínio lógico entre outros fatores.

A criança aprende brincando, por isso é de fundamental importância estimular brincadeiras e jogos que também fomentem o aprendizado. A brincadeira é um direito da criança e faz parte do seu cotidiano sendo essencial para o desenvolvimento. Constitui-se a primeira atividade de sociabilidade da criança, tendo diversas oportunidades de aprendizagens, promovendo a construção e reconstrução de relações artísticas, históricas, sociais e culturais. Diante disso, é essencial que, na educação infantil, seja favorecida situações de aprendizagens que envolvam experiências de brincadeira.

Brincando, elas podem desenvolver sua imaginação, além de criar e respeitar regras de organização e convivência, que serão, no futuro, utilizadas para a compreensão da realidade. A brincadeira permite também o desenvolvimento do autoconhecimento, elevando a autoestima, propiciando o desenvolvimento físico-motor, bem como o do raciocínio e o da inteligência (Silva; Santos, 2009).

O lúdico é um instrumento de apoio na aprendizagem do aluno que proporciona novas formas do aluno compreender o conteúdo de forma dinâmica, prazerosa e significativa.

São vários os tipos de jogos e brincadeiras como as brincadeiras educativas, faz de conta, para o ensino de conteúdo o mais indicado são os jogos e as brincadeiras educativas, onde o professor planeja com o objetivo de o aluno aprender e se desenvolver. (Ferreira; Muniz, 2020).

Nesse sentido, o professor necessita utilizar o lúdico como ferramenta indispensável na aprendizagem dos alunos, usando brincadeiras tradicionais e inovadoras, que trabalham lateralidade, noção de espaço, as cores, coordenação motora fina e ampla, contribuindo para aprendizado dinâmico e significativo.

Fala-se muito hoje em dia sobre a pouca inventividade, criatividade, imaginação, do pouco que pensam as crianças. Para a autora, isso acontece, por um lado, devido à escola, que lhe fornece tudo “pensado” e racionalizado, e, por outro pela grande quantidade de tempo que dedicam a atividades reguladas e a determinados jogos ou brincadeiras nos quais pensar e refletir, a originalidade, a imaginação, a curiosidade em descobrir possibilidades não recebem maior ênfase (Castro, 2012, p. 23).

Para que as crianças possam ter capacidade de construção do conhecimento naturalmente, precisa-se utilizar as brincadeiras no contexto escolar, dentro da sala de aula, aplicado o conteúdo com momentos de brincadeiras, consolidado assim uma aprendizagem de qualidade.

Ou seja, a aprendizagem é um processo qualitativo, é uma atividade que acontece no aluno e que é realizada pelo aluno, ninguém pode aprender por ele, pois a criatividade constitui conceitos associados a diferentes atributos ligados à originalidade, variedade, espontaneidade e facilidade de ver e entender de maneira diferente as coisas do mundo, por esse motivo a escola adota a questão do brincar em seu dia a dia pois brincar desenvolve a capacidade de tomar decisões e adaptar-se a situações particulares, além de auxiliar na formação de valores e atitudes (Tourino, 2013, p. 51).

A escola está inserida em uma realidade transformadora da educação quando se utiliza da ludicidade, adaptando assim seus métodos, práticas pedagógicas e ferramentas, a fim de atenderem com excelência seus alunos. Uma escola emancipatória e de qualidade, que oferece uma educação além dos conteúdos pré-estabelecidos pela grade curricular, que transmita uma aprendizagem significativa capaz de mudar a vida dos discentes. A escola quer formar cidadãos críticos e autônomos, capazes de atuar de forma ativa, transformando a sua realidade e construindo uma sociedade melhor.

Vygotsky (1998) define três características para a brincadeira: a imaginação, a imitação e a regra. Durante a brincadeira a criança é capaz de recriar o ambiente em que vive através da imaginação, construindo um mundo onde podem realizar ações que ainda não conseguem no ambiente real. É o que acontece em brincadeiras de “faz de conta”, onde a criança ao brincar de casinha, por exemplo, recria o espaço familiar onde está inserido.

Para o autor, ao reproduzir o comportamento social do adulto em seus jogos, a criança está combinando situações reais com

elementos de sua ação fantasiosa. Esta fantasia surge da necessidade da criança, em reproduzir o cotidiano da vida do adulto da qual ela ainda não pode participar ativamente. Porém, essa reprodução necessita de conhecimentos prévios da realidade exterior, deste modo, quanto mais rica for a experiência humana, maior será o material disponível para as imaginações que irão se materializar durante o brincar (Tonietto et al., 2006, p.4)

Durante esse processo de imaginação a criança traz a imitação, onde encena comportamentos que enxergam nos adultos e no ambiente ao redor. Esse processo durante o brincar pode estruturar na criança o desenvolvimento de suas ações perante o mundo, fazendo com que amadureça o comportamento diante das situações que lhe são apresentadas no mundo real (Vygotsky, 1998).

Nas brincadeiras as crianças também possuem regras, porém, diferentemente dos jogos, essas são mais maleáveis, podendo ser alteradas de acordo com a necessidade da criança na brincadeira. A criança também traz para o faz de conta regras que possuem no dia a dia, de acordo com o personagem que está exercendo naquele momento.

O brinquedo também é uma possibilidade do lúdico para as crianças. Para Kishimoto (2008) o brinquedo será entendido sempre como objeto, suporte de brincadeira, brincadeira com a descrição de uma conduta estruturada, com regras e jogos infantis para designar tanto o objeto e as regras do jogo da criança (brinquedo e brincadeiras). Um mesmo brinquedo pode ter significações diferentes para cada criança, sendo assim, o brinquedo diferentemente do jogo não traz consigo uma regra definida para a sua utilização.

Admite-se que o brinquedo represente certas realidades. Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é corresponder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência. O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, na natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar a criança um substituto dos objetos reais, para que eles possam manipulá-los (Kishimoto, 2008, p.18):

Os brinquedos também podem ser construídos pela própria criança, por meio de objetos diversos. Esses brinquedos são chamados de não estruturados e podem ser elaborados por diversos materiais, como materiais recicláveis, madeiras, latas, entre outros. Quando os brinquedos são construídos pela própria criança ele ganha

um significado diferente para ela. Segundo Bueno (2010, p. 25) e os brinquedos construídos pela própria criança fazem com que ela aprenda “com o seu trabalho transformar matérias-primas oriundas da natureza em objetos novos”.

O jogo também é um instrumento importante e parte do lúdico. Kishimoto relaciona algumas características citadas por Huizinga (1951, p. 31) que afirma como características: “o prazer, o caráter ‘não-sério’, a liberdade, a separação dos fenômenos do cotidiano, as regras, o caráter fictício ou representativo e sua limitação no tempo e no espaço”, isso significa que no jogo existe a possibilidade de escolher o que vai ser jogado, de acordo com a vontade de cada criança.

É possível afirmar que as brincadeiras, os brinquedos e os jogos podem ser utilizados como recursos pedagógicos, trazendo o lúdico para o contexto escolar. O brincar é uma forma de aprender, e cabe ao professor utilizar esses recursos de forma proveitosa.

## **2.2 A ludicidade nos documentos legais**

A Constituição Brasileira de 1988 aborda a educação de maneira ampla, destacando a importância de um ensino que promova o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Embora não mencione explicitamente o termo “lúdico”, a Constituição enfatiza a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família, a ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao desenvolvimento integral do educando (Brasil, 1988).

A relevância do lúdico na educação pode ser derivada de princípios constitucionais como o da dignidade da pessoa humana e o direito à educação que respeite o bem-estar psicológico e emocional dos alunos. Além disso, o Artigo 206, que estabelece os princípios do ensino, menciona que este deve ser ministrado com base no pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, o que pode incluir métodos lúdicos e criativos de ensino. Ademais, a aplicação de atividades lúdicas no ensino é frequentemente discutida e incentivada em legislações educacionais mais específicas, como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que orientam a inclusão de metodologias que considerem as características psicológicas e sociais dos estudantes, promovendo um ambiente de aprendizagem mais engajador e eficaz (Brasil, 1988).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, não menciona explicitamente o termo "lúdico" em seu texto. Contudo, ela estabelece diretrizes gerais que podem ser interpretadas como suporte para práticas educativas lúdicas, especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Especificamente, a LDB destaca que a educação infantil, que atende crianças até 5 anos de idade, deve ser orientada para o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Este enfoque no desenvolvimento integral sugere um ambiente educacional que valorize as práticas lúdicas como meio para alcançar esses objetivos (Brasil, 1996).

A LDB/96, ressalta que os currículos do ensino fundamental devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, o que permite a incorporação de métodos lúdicos adaptados às realidades locais e às necessidades específicas dos alunos. Embora a LDB não detalhe o uso de atividades lúdicas, ela cria um quadro que permite às escolas implementarem abordagens pedagógicas que incluam o jogo, a brincadeira e outras práticas lúdicas como ferramentas de aprendizagem eficazes, reconhecendo a importância dessas atividades no processo de ensino-aprendizagem (Brasil, 1996).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o lúdico é destacado como um elemento vital para o desenvolvimento educacional, especialmente valorizado na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Considerado essencial para o desenvolvimento integral das crianças, o jogo e a brincadeira são vistos não apenas como atividades recreativas, mas como ferramentas fundamentais que permitem às crianças explorarem, compreender o mundo ao seu redor e expressar seus pensamentos e emoções. Nas séries iniciais, as atividades lúdicas continuam a ser recomendadas para facilitar a transição entre os níveis de ensino, promovendo a motivação e o engajamento dos alunos, além de ajudar na construção de habilidades sociais, cognitivas e emocionais. Os PCN enfatizam que tais práticas pedagógicas dinâmicas e inclusivas melhoram o ambiente educativo, tornando a aprendizagem mais atraente e eficaz, ao mesmo tempo que respeitam a individualidade dos alunos e contribuem para um clima escolar positivo (Brasil, 1997).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) estabelecem orientações gerais para a organização de currículos educacionais em diferentes níveis de ensino, e enfatizam a importância de uma abordagem holística e integrada na educação. Embora as DCN não mencionem explicitamente o termo "lúdico" em todos os documentos, a ideia de atividades lúdicas é frequentemente incorporada, principalmente quando se trata da educação infantil e do ensino fundamental (Brasil, 2009, 2010).

Nas DCN para a Educação Infantil, o caráter lúdico é explicitamente valorizado. Essas diretrizes enfatizam que as práticas pedagógicas devem garantir experiências que promovam o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude de aceitação, respeito e confiança. A brincadeira é vista como um eixo norteador do trabalho pedagógico, ressaltando-se a importância do brincar como um processo fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças (Brasil, 2009).

Para o Ensino Fundamental, as DCN recomendam que os currículos promovam a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes por meio de diversas práticas pedagógicas, que podem incluir jogos e atividades lúdicas. A utilização de atividades lúdicas é reconhecida como uma estratégia eficaz para facilitar a compreensão de conceitos abstratos e para desenvolver habilidades sociais e emocionais (Brasil, 2010).

De maneira geral, as DCN enfatizam a necessidade de adaptação dos métodos pedagógicos às diferentes realidades e necessidades dos estudantes, promovendo o respeito à diversidade e a inclusão. O lúdico, neste contexto, é abordado como um meio para engajar os alunos de maneira efetiva e prazerosa, contribuindo para um ambiente de aprendizagem estimulante e acolhedor. Portanto, embora o termo "lúdico" possa não aparecer de forma proeminente em todos os documentos das DCN, o conceito está intrinsecamente ligado às práticas pedagógicas recomendadas, especialmente na educação infantil, onde o brincar é considerado essencial para o desenvolvimento integral dos alunos. As diretrizes reconhecem e incentivam o uso de métodos lúdicos como parte importante do processo educativo (Brasil, 2009, 2010).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que orienta os currículos dos sistemas e redes de ensino dos estados, assim como as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas do Brasil em toda a educação

básica, aborda o lúdico como um componente essencial no processo de aprendizagem, especialmente para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental (Brasil, 2017).

Na BNCC, a educação infantil é descrita como uma etapa essencial para o desenvolvimento integral das crianças em seus aspectos físico, cognitivo, emocional e social. O lúdico é enfatizado como central para o aprendizado e desenvolvimento das crianças pequenas. A BNCC propõe que as experiências de aprendizagem na educação infantil sejam mediadas por brincadeiras e interações, considerando que o ato de brincar configura uma maneira vital pela qual as crianças expressam, exploram e constroem compreensões sobre si mesmas e o mundo ao redor (Brasil, 2017).

Para o ensino fundamental, a BNCC continua a valorizar as práticas lúdicas, especialmente nos anos iniciais. Essas práticas são vistas como meios para facilitar o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas. A BNCC sugere que o aprendizado por meio de jogos, projetos, investigações, debates, entre outros, pode ajudar os alunos a construir significados, promover a cooperação e o respeito mútuo entre pares. A ludicidade é considerada um recurso pedagógico importante para engajar os alunos em processos de aprendizagem mais significativos e prazerosos (Brasil, 2017).

A BNCC reconhece que o lúdico não deve estar restrito apenas à educação infantil, mas deve transitar por todos os níveis de ensino como uma prática pedagógica que contribui para uma abordagem mais integrada e completa da educação. As atividades lúdicas são vistas como fundamentais para o desenvolvimento de competências gerais, como o pensamento crítico, a criatividade, a comunicação e a colaboração. Portanto, na BNCC, o lúdico é abordado como uma prática vital e contínua que permeia as etapas da educação básica, reconhecendo a importância de integrar o ensino através de atividades que são ao mesmo tempo educativas e prazerosas, facilitando assim um processo de aprendizado mais holístico e eficaz (Brasil, 2017).

Assim, a inclusão do lúdico na BNCC reflete um reconhecimento crescente da necessidade de um ensino que não apenas informa, mas também inspire, motive e envolva os alunos de maneira profunda e significativa. O compromisso com práticas pedagógicas que incorporem elementos lúdicos em todos os níveis de ensino sublinha a visão de que a educação deve ser uma jornada de descoberta contínua,

onde o aprendizado se dá não só através da absorção de conteúdo, mas também por meio da experiência, da experimentação e da interação. Esta abordagem holística não apenas enriquece a experiência educacional, mas prepara os alunos para enfrentar desafios complexos, cultivando habilidades essenciais para a vida e a cidadania no século XXI.

No tocante ao município de Santarém tem a resolução N°001, de 25 de janeiro de 2019, CME (Conselho Municipal de Educação), estabelece diretrizes para a educação escolar indígena municipal. Esta resolução visa garantir o direito à educação de qualidade para os povos indígenas, respeitando suas culturas, língua e modos de vida.

A seguir trataremos da ludicidade nas aulas de nheengatu e como esta é utilizada na educação das crianças nas aldeias.

### **3 A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INDÍGENA A PARTIR DOS DOCUMENTOS – LITERATURA**

Neste tópico abordaremos a ludicidade como uma ferramenta pedagógica na educação escolar indígena, com um foco específico nas aulas de Nheengatu. Exploraremos atividades lúdicas como jogos, músicas e danças não apenas facilitam o aprendizado da língua e cultura indígena, mas também como fortalecem a identidade e a autoestima dos alunos. Esta seção detalha a implementação de práticas pedagógicas que respeitam e valorizam os saberes tradicionais, ao mesmo tempo que promovem um ambiente de aprendizado engajador e inclusivo. Através de estudos bibliográficos e documental, discutiremos como a ludicidade é empregada efetivamente para revitalizar a língua Nheengatu e enriquecer a experiência educacional dos alunos, contribuindo assim para uma educação verdadeiramente intercultural e adaptada à realidade e necessidades da comunidade indígena.

#### **3.1 A ludicidade na Educação Indígena**

A educação escolar indígena tem enfrentado desafios significativos na implementação de metodologias que respeitem e valorizem a cultura e os saberes tradicionais indígenas. Nesse contexto, a utilização de recursos pedagógicos lúdicos emerge como uma estratégia eficaz para promover o engajamento e a aprendizagem significativa entre os estudantes indígenas.

Kirixi (2022) enfatiza que a ludicidade pode ser uma metodologia transformadora na educação escolar indígena. Em seu estudo, Kirixi analisou as percepções dos professores da EMEIEF Karo Bempõ na Aldeia Katô, em Jacareacanga, Pará, quanto à utilização de práticas lúdicas no processo de ensino-aprendizagem. Os resultados indicaram que os jogos, brinquedos e brincadeiras são ferramentas essenciais para corrigir falhas no ensino e alcançar os objetivos pedagógicos, proporcionando um desenvolvimento intelectual significativo e respeitando os limites e regras sociais dos alunos.

Troquez (2020) destaca a importância da criação de materiais didáticos específicos para a educação indígena, que reflitam as realidades socioculturais dos alunos. A produção de livros, cartilhas e outros recursos educacionais deve ser

baseada em pesquisas nas comunidades, valorizando os conhecimentos e histórias tradicionais dos mais velhos. Essa abordagem permite uma integração mais profunda entre os conteúdos escolares e a cultura indígena, promovendo uma educação mais relevante e significativa para os alunos.

A implementação de oficinas pedagógicas, como a descrita por Cardoso et al. (2020), onde os alunos puderam aprender geometria através de um jogo adaptado para refletir suas realidades culturais, exemplifica como a ludicidade pode ser incorporada de maneira eficaz na educação indígena. Essas oficinas não só tornam o aprendizado mais interessante e envolvente, mas também ajudam a desconstruir mitos e preconceitos sobre disciplinas como a matemática, tornando-as mais acessíveis e compreensíveis para os alunos indígenas.

Costa (2013) examina como as práticas lúdicas são vivenciadas nesta comunidade indígena. A autora argumenta que, embora a ludicidade seja frequentemente associada à infância, ela é uma necessidade humana em todas as fases da vida, facilitando processos de comunicação, socialização, expressão e construção do conhecimento (Costa, 2013). Este estudo destaca a importância das práticas lúdicas na preservação das tradições culturais e na promoção da autoestima e do desenvolvimento integral dos indivíduos.

Os recursos pedagógicos lúdicos são ferramentas para engajar os estudantes da educação indígena, promovendo uma aprendizagem significativa que respeita e valoriza suas culturas e saberes tradicionais. A criação e utilização de materiais didáticos específicos, baseados em pesquisas comunitárias e na participação ativa dos professores indígenas, são essenciais para o sucesso dessas metodologias. Ao integrar a ludicidade na prática docente, os educadores podem oferecer uma educação mais inclusiva e eficaz, que atenda às necessidades e aspirações dos estudantes indígenas (Matos; Silva; Vicente, 2021).

Silva (2022) analisou a implementação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na Educação Escolar Indígena (EEI) no Brasil, destacando tanto os benefícios quanto os desafios dessa integração. As TICs facilitaram o acesso à informação, promoveram a valorização cultural e aumentaram o engajamento dos estudantes indígenas por meio de ferramentas interativas e lúdicas. No entanto, desafios significativos incluem a falta de infraestrutura e acesso à internet, a necessidade de formação adequada dos professores e a carência de políticas públicas e recursos financeiros para a manutenção dos equipamentos. A

pesquisa conclui que, apesar dos avanços, é necessário um esforço conjunto para superar esses obstáculos e garantir que a educação indígena possa aproveitar plenamente os benefícios das tecnologias digitais, promovendo uma aprendizagem inclusiva e culturalmente relevante.

Assim, a ludicidade é uma ferramenta pedagógica valiosa na educação indígena, promovendo a aprendizagem, a preservação cultural e o bem-estar dos alunos. As práticas lúdicas devem ser integradas de forma consistente e significativa no currículo escolar, respeitando e valorizando as culturas indígenas e contribuindo para a formação integral dos estudantes. Através da ludicidade, é possível promover uma educação que seja ao mesmo tempo inclusiva, intercultural e eficaz, fortalecendo as identidades culturais dos alunos e contribuindo para a preservação do patrimônio cultural dos povos indígenas.

### **3.2 Histórico do nheengatu**

Durante o período colonial, a língua geral amazônica Nheengatu foi promovida pelos missionários jesuítas, que a adotaram como ferramenta de catequização e de comunicação entre as diferentes etnias indígenas e os colonizadores europeus. Esse processo se deu principalmente nos aldeamentos do Maranhão e do Pará, onde o nheengatu começou a emergir como uma língua franca, facilitando a interação entre povos com idiomas diversos.” (BARROS; BORGES; MEIRA, 1996) pois era falada do Maranhão ao Amazonas.

Segundo Navarro (2016) houve uma outra “língua geral” no Sul e Sudeste, mas foi extinta no início do século XX). Com o passar dos séculos o nheengatu passou por transformações. Influências externas, especialmente do português, modificaram sua estrutura, levando à perda de alguns fonemas e à introdução de novos elementos linguísticos. Ainda assim, o nheengatu manteve sua essência, continuando a ser amplamente utilizado na região amazônica especialmente entre as populações ribeirinhas e indígenas da bacia do rio Negro.

No entanto, a partir do século XVIII, as políticas de portugalização promovidas pela Coroa Portuguesa buscavam suprimir o uso do nheengatu, forçando a adoção do português como língua dominante. Essas tentativas de erradicação, embora severas, não conseguiram eliminar totalmente o uso da língua, que permaneceu viva em comunidades isoladas. O renascimento do nheengatu nos últimos anos é um

testemunho de sua resiliência e importância cultural. Em 2002, o município de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, declarou o nheengatu como uma de suas línguas oficiais, ao lado do português e de outras línguas indígenas fonte

Em 2023, esse reconhecimento foi ampliado para todo o estado do Amazonas, reafirmando o valor do nheengatu como um patrimônio linguístico e cultural da região. A criação da Academia da Língua Nheengatu em 2020 é um marco importante nesse processo de revitalização, reunindo esforços para padronizar o idioma e promover seu ensino, tanto entre as populações indígenas quanto entre os não indígenas. Apesar desses avanços, o nheengatu ainda enfrenta desafios significativos. A ameaça de extinção permanece, especialmente diante da pressão contínua do português e da falta de políticas públicas eficazes para a promoção e ensino da língua (Navarro, 2016).

A documentação e o registro do nheengatu são passos cruciais para garantir sua sobrevivência, assim como a implementação de programas educacionais que incluam o idioma no currículo escolar, a Academia da Língua Nheengatu e o engajamento das comunidades locais são fundamentais para assegurar que o nheengatu continue a ser uma língua viva e vibrante, representando não apenas um meio de comunicação, mas também uma expressão da identidade cultural dos povos da Amazônia.

Foi só a partir da fundação de Belém do Pará em 1616, que a região onde hoje está a cidade de Santarém passou a sofrer incursões mais intensas de portugueses, em busca de escravos, que culminaram com a instalação da Missão dos Tapajó (futura Santarém), em 1661. Quando os portugueses chegaram ao rio Tapajós, encontraram muitos povos indígenas. Os Tapajó e os Tupinambá eram os mais fortes da região, e mantinham sob sua influência os outros povos. (Vaz filho, 2010).

### **3.3 A ludicidade nas aulas de formação docente para trabalhar o Nheengatu**

A ludicidade nas aulas de Nheengatu tem se mostrado uma ferramenta importante para incentivar a preservação da cultura e das tradições indígenas. A utilização de atividades lúdicas, como músicas, danças e jogos, facilita o aprendizado da língua Nheengatu, ao mesmo tempo que promove um ambiente de engajamento e pertencimento cultural entre os alunos indígenas.

De acordo com Costa (2013), a inserção de elementos culturais nas aulas ajuda a reforçar a identidade indígena e a autoestima dos alunos, contribuindo para a valorização da sua herança cultural.

Os cursos de Nheengatu, e os demais cursos oferecidos pelo Grupo de Consciência Indígena (GCI) e pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), têm sido fundamentais nesse processo. Eles utilizam metodologias que articulam conhecimentos indígenas diversos, como história, cultura, cantos e artes, além da própria língua Nheengatu. Isso torna as aulas mais familiares e significativas para os alunos, que passam a reconhecer vocábulos e expressões de sua própria comunidade no aprendizado da língua (Vaz Filho; Silva, 2020).

Os materiais didáticos utilizados nesses cursos também desempenham um papel importante. Gramáticas e apostilas adaptadas à realidade das comunidades, produzidas pelos próprios professores indígenas, proporcionam um suporte valioso para o ensino da língua. Segundo Fromberg (2007), o uso de materiais pedagógicos específicos é essencial para o desenvolvimento eficaz das aulas, auxiliando na eficiência da aprendizagem. O processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais utilizando a ludicidade, busca - se a revitalização da língua materna, Nheengatu nas escolas indígenas, respeitando a diversidade cultural do povo Tupinambá do Baixo Tapajós. Essa revitalização se deu por intermédio dos professores de Nheengatu. Como nos Ressalta, Fátima e Silva de Freitas:

As experiências de educação Indígena a partir da presença e da atuação do professor bilíngue as escolas das cidades situadas nas aldeias e a transição para as escolas da cidade vizinhas ou universidades são experiências Intercultural nas quais as crianças Indígenas têm acesso ao conhecimento a sua cultura a sua língua nativa. É possível e recomendável que se produza material didático específico para que as crianças conheçam e tenham orgulho da história de seus antepassados. E não o contrário, não se conhecer no que se está estudando (2012, p. 94).

Diante a disciplina língua indígena no currículo das escolas Indígenas de Santarém do 1º ao 5º ano consta quatro horas e 6º ao 9º ano consta três aulas semanais de Nheengatu é ensinada de forma lúdica nas escolas das Aldeias. Nessas escolas, localizadas nas aldeias, o ensino do nheengatu é realizado de forma lúdica, utilizando jogos, músicas e outras atividades interativas, que facilitam a aprendizagem e reforçam a conexão cultural dos estudantes com sua língua

materna. Este processo está em conformidade com as diretrizes estabelecidas pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que reconhece a importância da preservação das línguas indígenas no contexto educacional.

A revitalização da cultura através da língua é fundamental para o desempenho educacional nas aldeias, especialmente em contextos em que as comunidades indígenas buscam preservar sua identidade, pois ao ensinar a língua materna, como o nheengatu, as crianças aprendem não apenas a se comunicar, mas também a entender suas tradições, histórias e valores, fortalecendo o senso de pertencimento e sua identidade cultural. Portanto a revitalização através da língua materna é um passo crucial para que o educando não perca sua ancestralidade, isto é, os saberes dos antepassados que ainda estão vivos na aldeia, ensinados pelos mais velhos e para que não se perca as lembranças do que eles vivenciaram, para que hoje em dia os direitos dos povos originários não se percam no esquecimento.

No entanto verifica-se que o brincar faz parte do processo de desenvolvimento da criança e é de suma importância que o educador busque elaborar atividades lúdicas que estejam adaptadas de acordo com a faixa etária da criança e com realidade em que se está inserido respeitando a cultura sem deixar de analisar o espaço em que se vai desenvolver as brincadeiras. Adaptar os textos, frases e músicas na língua materna em um ambiente acolhedor agradável para que a criança se sinta protegido e feliz. Desenvolver a contação de histórias, parlendas versos em Nheengatu e em português. Vale ressaltar que o professor dos anos iniciais precisa oferecer um ambiente atraente e alegre, espaço adequado e seguro para poder desenvolver as brincadeiras para que a criança brinque com segurança. Como nos ressalta Winnicott “O professor precisa oferecer um ambiente afetivo e seguro dando suporte para as ações no jogo para que a criança se sinta acolhida e relaxada para poder brincar e aprender” (Imago, 1975).

Portanto é possível afirmar então que as brincadeiras, os brinquedos e os jogos podem ser utilizados como recursos pedagógicos, trazendo o lúdico para o contexto escolar. O brincar é uma forma de aprender, e cabe ao professor utilizar esses recursos de forma proveitosa. A ludicidade na educação tem vários benefícios. Primeiro, ela torna a aprendizagem mais divertida e agradável, o que pode aumentar a motivação dos alunos e reduzir o estresse e a ansiedade associados ao processo educacional. Segundo ela, promove a participação ativa dos alunos, estimulando a criatividade e a curiosidade. Terceiro, ela ajuda a desenvolver

habilidades de resolução de problemas, pensamento crítico e tomada de decisão, que são fundamentais para a aprendizagem.

Em resumo, a ludicidade na educação é uma abordagem pedagógica que busca tornar a aprendizagem mais envolvente, motivadora e eficaz, incorporando elementos de jogos em ambientes de aprendizagem. Ela tem vários benefícios, como aumentar a motivação dos alunos, estimular a participação ativa, desenvolver habilidades essenciais e tornar a aprendizagem mais divertida e agradável.

### **3.4 Nheengatu no Município de Santarém**

Nas escolas indígenas do município de Santarém foi conquistado a implantação da língua materna (Nheengatu, Mundurucu e do notório saber) que são os saberes de nossos antepassados, sendo revitalizado nas aldeias do Tapajós Arapiuns e Planalto Santareno. Sendo uma grande conquista dos povos: Arapiun, Arara vermelha, Borari, Kumaruara, Jaraqui, Maytapu, Munduruku, Mundurucu da Cara Preta, Tapajós e Arapiuns, Tupinambá, Apiaká, Tapuia.

Em 2011, a língua nheengatu foi implantada nas Escolas Indígenas do município de Santarém com as formações realizadas pela SEMED. Para conseguir que as escolas funcionassem com as disciplinas houve muita luta e participação das lideranças indígenas bem como: caciques, professores, pajés, tuxauas, entre outras lideranças indígenas que abraçaram a causa. Houve vários manifestos, com a participação de órgãos como: GCI (Grupo de Consciência Indígena) e CITA (Conselho Indígena Tapajós e Arapiuns).

De acordo com documentos da SEMED estão funcionando 62 escolas indígenas nas regiões do Planalto Santareno, Tapajós e Arapiuns sendo que entre essas 62, uma não é indígena, mas é contemplada com a Língua Nheengatu por existir alunos indígenas estudando na instituição.

**Tabela 1** – Quantidade de alunos matriculados em escolas de áreas indígenas no Planalto de Santarém (PA), 2024.

(continua)

Escola Municipal	Ensino Fundamental - Séries Iniciais					Ensino Fundamental - Anos Finais			
	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°	8°	9°
	Professor Antonio de Sousa Pedroso	44	49	58	50	41	60	84	86
Wapurum Tip	3	2	2	6	2	4	3	1	2
Santa Helena	3	3	4	3	2	1	2	2	1
São Francisco	3	1	-	2	2	5	1	-	-
São Francisco	5	5	7	5	2	7	3	2	3
José Arlindo Betcel	4	3	3	4	6	7	5	10	10
Professora Marilda Vasconcelos	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>62</b>	<b>63</b>	<b>74</b>	<b>70</b>	<b>55</b>	<b>84</b>	<b>98</b>	<b>101</b>	<b>91</b>

(conclusão)

Escola Municipal	Creche	Pré Escola	Eja	Total Geral
Professor Antonio de Sousa Pedroso	-	66	31	644
Wapurum Tip	-	5	-	30
Santa Helena	-	4	-	25
São Francisco	-	4	-	18
São Francisco	-	9	-	48
José Arlindo Betcel	-	6	-	58
Professora Marilda Vasconcelos	69	48	-	117
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>69</b>	<b>142</b>	<b>31</b>	<b>940</b>

**Fonte:** Secretaria Municipal de Educação (2024)

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

**Tabela 2** – Quantidade de alunos matriculados em escolas de áreas indígenas no Tapajós de Santarém (PA), 2024.

(continua)

Escola Municipal	Ensino Fundamental - Séries Iniciais					Ensino Fundamental - Anos Finais			
	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°	8°	9°
José de Melo Filho	6	7	8	8	9	8	11	16	21
Santíssima Trindade	6	3	3	6	6	-	-	-	-
Santa Luzia	5	4	3	9	7	14	7	10	9
Nossa Senhora da Saúde	2	3	4	4	2	-	-	-	-
São Francisco	1	2	1	-	2	-	-	-	-
Antônio Pedro dos Reis	3	7	5	2	7	13	5	8	6
José Gregório do Carmo Tupinambá	6	5	3	5	2	6	3	-	-
Nossa Senhora de Fátima	5	7	4	2	5	8	7	12	15
São Sebastião	2	2	3	2	3	-	-	-	-
Nossa Senhora de Lourdes	2	5	3	-	3	6	6	4	4
Santa Luzia	7	5	3	2	5	1	7	3	3
Luis Antonio Almeida	5	9	8	4	4	11	6	4	9
Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	4	3	4	3	2	5	3	6	3
Izidório Amaral	4	7	4	3	5	7	3	3	3
Florêncio Joaquim Caetano	1	7	3	3	1	5	2	3	3
Suraraitá Tupinambá	2	4	1	4	2	8	1	4	5
Nossa Senhora das Graças	7	8	8	5	9	5	8	7	3
São Pedro	6	6	2	2	5	6	4	4	4
Anama Kirimbawa	5	-	1	5	-	5	-	3	1
Waykirum Tupinambá	-	4	1	3	1	3	2	4	3
Yara Putyra	3	3	1	3	2	-	-	-	-
Menino Jesus	2	2	1	2	4	-	-	-	-

Escola Municipal	Ensino Fundamental - Séries Iniciais					Ensino Fundamental - Anos Finais			
	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°	8°	9°
TOTAL GERAL	84	103	74	77	86	111	75	91	92

(Conclusão)

Escola Municipal	Creche	Pré-Escola	EJA	Total Geral
José de Melo Filho	-	14	-	108
Santíssima Trindade	-	10	-	34
Santa Luzia	-	13	-	81
Nossa Senhora da Saúde	-	-	9	24
São Francisco	-	1	-	7
Antônio Pedro dos Reis	-	12	-	68
José Gregório do Carmo Tupinambá	-	7	-	37
Nossa Senhora de Fátima	-	6	-	71
São Sebastião	-	8	-	20
Nossa Senhora de Lourdes	-	3	-	36
Santa Luzia	-	9	-	45
Luis Antonio Almeida	-	16	-	76
Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	-	7	-	40
Izidório Amaral	-	8	-	47
Florêncio Joaquim Caetano	-	6	-	34
Suraraitá Tupinambá	-	10	-	41
Nossa Senhora das Graças	-	17	-	77
São Pedro	-	6	-	45
Anama Kirimbawa	-	2	-	22

<b>Escola Municipal</b>	<b>Creche</b>	<b>Pré- Escola</b>	<b>EJA</b>	<b>Total Geral</b>
Waykirum Tupinambá	-	4	-	25
Yara Putyra	-	8	-	20
Menino Jesus	-	2	-	13
<b>TOTAL GERAL</b>	-	178	-	971

**Fonte:** Secretaria Municipal de Educação (2024)

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

**Tabela 3** – Quantidade de alunos matriculados em escolas de áreas indígenas no Arapiuns de Santarém (PA), 2024.

(continua)

<b>Escola Municipal</b>	<b>Ensino Fundamental - Séries Iniciais</b>					<b>Ensino Fundamental - Anos Finais</b>			
	<b>1°</b>	<b>2°</b>	<b>3°</b>	<b>4°</b>	<b>5°</b>	<b>6°</b>	<b>7°</b>	<b>8°</b>	<b>9°</b>
São Miguel Arcanjo	6	6	2	4	8	8	11	12	12
Nossa Senhora das Graças	5	5	3	4	4	7	3	2	4
São Francisco	4	7	6	3	4	11	6	1	9
São Francisco	5	3	3	-	7	3	2	2	5
São Francisco	2	3	1	2	3	5	5	5	4
Nossa Senhora do Carmo	2	2	1	4	4	3	1	3	5
Nossa Senhora Aparecida	1	4	-	2	1	1	1	-	5
Nossa Senhora de Fátima	2	1	2	2	2	-	2	3	2
Surara Emilia Arapyun	2	2	3	1	3	-	5	1	3
Nossa Senhora de Lourdes	2	5	3	-	3	6	6	4	4
São Francisco	3	7	12	2	4	9	8	12	4

Escola Municipal	Ensino Fundamental - Séries Iniciais					Ensino Fundamental - Anos Finais			
	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°	8°	9°
Surara Benvinda	1	3	5	3	2	2	5	-	2
Nossa Senhora de Fátima	4	3	3	2	5	3	3	4	3
Anama Julieta Muruci	6	7	5	5	4	8	7	5	-
São João	-	2	2	3	-	-	-	-	-
São Jorge	6	10	6	3	8	5	9	7	6
Rio Arapiuns	7	8	1	9	3	6	4	4	2
São Luis	3	-	-	2	2	0	0	0	0
Santo Antônio	2	5	7	3	2	14	17	15	7
Surara Flora Pereira de Sousa	7	-	-	2	2	4	4	8	5
Maria José Marques	4	-	1	4	1	-	-	-	
Santa Terezinha	-	3	-	-	-	1	-	1	3
Santa Cruz	1	4	-	1	1	-	3	3	3
Nossa Senhora da Saúde	1	1	4	1	6	1	4	4	-
São Sebastião	2	2	3	3	1	3	2	1	1
Sorriso de Maria	2	3	4	3	3	5	1	4	8
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>80</b>	<b>96</b>	<b>77</b>	<b>68</b>	<b>83</b>	<b>105</b>	<b>109</b>	<b>101</b>	<b>97</b>

(conclusão)

Escola Municipal	CRECHE	PRÉ-ESCOLA	EJA	TOTAL GERAL
São Miguel Arcanjo	-	7	-	7
Nossa Senhora das Graças	-	5	-	5
São Francisco	-	12	-	12
São Francisco	-	9	-	9

<b>Escola Municipal</b>	<b>CRECHE</b>	<b>PRÉ- ESCOLA</b>	<b>EJA</b>	<b>TOTAL GERAL</b>
São Francisco	-	5	-	5
Nossa Senhora do Carmo	-	4	-	4
Nossa Senhora Aparecida	-	7	-	7
Nossa Senhora de Fátima	-	3	-	3
Surara Emilia Arapyun	-	6	-	6
Nossa Senhora de Lourdes	-	3	-	36
São Francisco	-	3	-	3
Surara Benvida	-	-	-	0
Nossa Senhora de Fátima	-	11	5	16
Anama Julieta Muruci	-	9	6	15
São João	-	3	-	3
São Jorge	-	8	-	8
Rio Arapiuns	-	12	-	12
São Luis	-	3	-	3
Santo Antônio	-	9	-	9
Surara Flora Pereira de Sousa	-	3	-	3
Maria José Marques	-	3	-	3
Santa Terezinha	-	4	-	4
Santa Cruz	-	3	-	3
Nossa Senhora da Saúde	10	10	-	20
São Sebastião	-	1	-	1
Sorriso de Maria	-	8	-	8
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>10</b>	<b>151</b>	<b>11</b>	<b>205</b>

**Fonte:** Secretaria Municipal de Educação (2024)

Nota: Sinal convencional utilizado:

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

A estrutura curricular nas escolas indígenas, conforme trata a Resolução nº 001, de 25 de janeiro de 2019 do Conselho Municipal de Educação – CME do município de Santarém é baseada em princípios que respeitam a diversidade cultural, linguística e os saberes tradicionais das comunidades indígenas. Ao contrário das escolas regulares, o currículo nessas escolas é adaptado para integrar e valorizar os conhecimentos ancestrais permitindo que o processo de ensino-aprendizagem seja profundamente conectado com a realidade cultural dos povos indígenas. Esse currículo tem como objetivo principal preservar e fortalecer a identidade cultural ao mesmo tempo em que garante o acesso a uma educação de qualidade conforme as diretrizes nacionais.

Um dos principais pontos abordados é o ensino da língua Nheengatu, uma língua de origem indígena que, ao longo dos séculos serviu como uma língua de comunicação entre diferentes povos na região amazônica. O documento reconhece a importância da preservação de línguas como o Nheengatu no currículo das escolas indígenas, enfatizando que o ensino dessas línguas não deve ser apenas um conteúdo opcional, mas sim parte integrante do processo educativo.

O Nheengatu, sendo uma língua viva em algumas comunidades, deve ser ensinado de forma contextualizada, reforçando a cultura e a história dos povos indígenas que ainda a utilizam. A estrutura curricular, portanto, é moldada para promover o bilinguismo, onde o português e o Nheengatu são ensinados paralelamente, proporcionando aos alunos a possibilidade de transitar entre o mundo indígena e o mundo não-indígena.

Outro aspecto fundamental do currículo nas escolas indígenas é o conceito de “Notório Saber”. O Notório Saber é uma forma de reconhecimento oficial dos conhecimentos adquiridos através da experiência e da prática distante do ambiente acadêmico formal. No caso das comunidades indígenas, muitos dos conhecimentos são transmitidos oralmente de geração em geração e os mestres e anciãos das comunidades detêm um vasto conhecimento sobre a cultura, a língua, as tradições e o manejo sustentável dos recursos naturais.

A resolução N° 001, de 25 de janeiro de 2019, aborda a importância de incluir esses mestres no processo educacional validando seus conhecimentos através do Notório Saber. Assim os professores indígenas que possuem o Notório Saber podem atuar como educadores nas escolas transmitindo saberes que não são encontrados

em livros ou em cursos formais, mas que são essenciais para a manutenção da cultura e identidade indígena.

A inclusão do Notório Saber no currículo das escolas indígenas promove uma educação que valoriza as diferentes formas de conhecimento e respeita a pluralidade cultural. Ao invés de seguir um modelo único de formação de professores, o currículo das escolas indígenas permite que pessoas com vasto conhecimento prático e tradicional atuem como professores contribuindo diretamente para a construção de uma educação mais inclusiva e representativa. Além disso, esse reconhecimento contribui para que os estudantes indígenas tenham contato direto com os conhecimentos tradicionais, o que fortalece sua identidade cultural e os ajuda a compreender o mundo a partir de suas próprias perspectivas.

A resolução N° 001, de 25 de janeiro de 2019, também enfatiza a necessidade de que o currículo das escolas indígenas seja construído com a participação das comunidades, respeitando suas particularidades e garantindo que os conteúdos abordados em sala de aula estejam alinhados com as necessidades e os interesses dos povos indígenas. O currículo deve ser flexível e adaptável de forma a incluir conhecimentos que sejam relevantes para as diferentes comunidades, como práticas agrícolas sustentáveis, medicina tradicional, mitos e lendas indígenas, além dos conteúdos convencionais, como matemática, ciências e história. Dessa forma, o currículo nas escolas indígenas busca equilibrar o ensino de saberes universais e o respeito aos saberes locais, permitindo que os estudantes transitem entre diferentes mundos sem perder sua identidade.

A implementação do currículo nas escolas indígenas também enfrenta desafios, como a formação de professores bilíngues e a criação de materiais didáticos adequados. No entanto, aponta que o reconhecimento do Notório Saber pode ser uma solução para a escassez de professores qualificados, uma vez que permite que mestres indígenas sejam habilitados a ensinar com base em seus conhecimentos práticos. A produção de materiais didáticos em Nheengatu e outras línguas indígenas é outro desafio, mas a inclusão dessas línguas no currículo é vista como essencial para a preservação das culturas indígenas.

O currículo deve ser construído de forma a respeitar a diversidade cultural e linguística dos povos indígenas, garantindo que os estudantes tenham acesso a uma educação que valorize tanto os saberes tradicionais quanto os conteúdos acadêmicos convencionais. A inclusão do Notório Saber no currículo é uma

estratégia fundamental para assegurar que os conhecimentos ancestrais sejam preservados e transmitidos às novas gerações, fortalecendo as identidades culturais e promovendo uma educação verdadeiramente inclusiva e plural.

Foi realizada uma entrevista com a ex-coordenadora da educação indígena Iara Elizabeth Sousa Ferreira para compreendermos melhor a diferença entre a língua nheengatu e o notório saber, e para conhecer sua experiência com o projeto piloto de implantação do nheengatu, além de entender como a ludicidade é aplicada nos cursos de formação continuada. Através dessa entrevista, buscamos explorar como esses conceitos e práticas têm sido integrados à educação nas escolas indígenas, respeitando e valorizando o patrimônio cultural e linguístico dos povos indígenas da região de Santarém.

Durante a entrevista a ex-coordenadora destacou a diferença da língua nheengatu para o notório saber é que: “A língua nheengatu é parte do notório saber por ser uma língua, um povo sem a sua língua é um povo sem cultura, a partir do momento que os povos originários foram obrigados ao processo colonizador na tentativa de integrar o nativo a cultura do branco para fazer que o nativo deixasse o seu jeito de ser, de viver, de se vestir como o português, de falar para falar o português. Então essas imposições trouxeram a cultura da negação, ou seja, a cultura do medo, da inferioridade neste sentido o notório saber abrange a língua, portanto a língua deve ser trabalhada especificamente, assim como a língua portuguesa, língua inglesa, no currículo, quando se fala de educação escolar indígena é esse ensinamento da língua, especificamente do saber que diz respeito aos saberes culturais de cada povo, de cada território. Desta maneira o notório saber é a sua história, as vivências, é tudo aquilo que faz parte do meio cultural as festas, as danças os cantos, as músicas, as brincadeiras, os rituais tudo corresponde com o notório saber não é só costume, o notório saber envolve todos os conhecimentos, vai da ciência, do tingimento, da preparação da tinta, da geografia do tempo que aquela matéria prima vai estar pronta para ser extraída da natureza na questão da lua, do sol, das águas, dessa matéria prima que está naquele espaço, naquele território, ele tá na matemática. Enfim notório saber são todos os saberes pertinentes a cultura de um povo a língua faz parte desses saberes só que específica e exclusiva é necessário que seja trabalhada no sentido de revitalizar essa linguagem e assim auxiliar as crianças e os jovens que venha entender que existe uma língua que nos foi usurpada, roubada, proibida pela

imposição do processo colonizador fomos obrigados a conviver com a língua portuguesa desde o nascimento foi essa que nos foi ensinada uma história que proibiu nossa ancestralidade de continuar e hoje está presente ela permeia todo nosso ambiente existe no nome dos frutos, dos rios, nos nossos nomes. Dessa forma as crianças devem compreender e ter consciência de pertencimento e de identidade, por isso surgiu o notório e a língua para fortalecer as identidades do povo do baixo tapajós”.

Com base na experiência do projeto piloto de implantação do nheengatu, a ex-coordenadora afirma que “Foi uma proposta que surgiu na época na gestão da professora Lucineide Pinheiro, que instituiu o espaço com os povos indígenas que se deslocaram para SEMED, se reuniram e surgiram as oportunidades de escrever a nossa história de forma diferente a partir do momento que lideranças indígenas vão em busca de recursos para que escola sejam construídas nas aldeias para nossos filhos, através das comissões, de lideranças e dos movimentos que fortalecem as lutas. Assim conseguimos escrever o território Cobra Grande traçou uma proposta, em seguida escrevi (Iara Ferreira) uma proposta com o Gedeão na época que se tornou um dos pioneiros sempre persistiu juntos em um final de semana construíram a primeira proposta que foi apresentada para a secretária de educação e que foi aprovada e implementado como projeto piloto em 29 de fevereiro de 2012.

Foi uma história que surgiu pela inquietação e pela persistência de uma pessoa que tornou uma grande liderança do CITA na época Gedeão Monteiro Arapium que começamos escrever uma proposta de formação a partir do pedagógico de formação com os 10 professores do Projeto Piloto das 6 escolas do território cobra grande Aparecida, São Francisco do Lago da Praia, Carmo Fátima, Assunção e Borari de Alter do Chão. Essas escolas iniciaram todo um trabalho com a implementação da proposta do ensino notório saber e da língua nheengatu em julho do ano de 2012, assim conseguimos reunir três colegas Mundurucu para ajudarem a construir a proposta de formação para os professores mundurucus que ministravam as aulas de língua e para aqueles professores que estariam na sala de aula. Enfim em 2012 foi o marco uma experiência positiva que gradativamente ampliou o notório saber e a língua para que hoje todas as escolas indígenas tivessem seu professor ou instrutor. A experiência foi positiva, pois, a medida em que foi implementado, foi resolvido a questão da carga horária, da metodologia, que

trabalhavam com os professores por razão que muitos não possuíam formação com magistério eram jovens, senhores e senhoras apenas com o conhecimento do ensino médio, alguns do notório saber não tinham nem o fundamental completo, mas eles dominavam o conhecimento dos saberes do seu povo. Portanto essa valorização dos saberes tradicionais que houve uma sensibilidade no olhar da gestora na época que depois teve toda uma luta. Em 2014 quando o professor não apresentava pelo menos o magistério que na época estava acontecendo o magistério indígena estava formando a proposta para o intercultural indígena pela UEPA tudo isso avançou e fortaleceu o ensino do notório e da língua nheengatu no Município foram capacitando tanto na formação da SEMED quanto na formação acadêmica para melhorar oferta, assim trabalhavam o planejamento, a metodologia, e a avaliação no ensino”.

Segundo a ex-coordenadora “A ludicidade está presente na música indígena, nos cantos de rituais nos cantos de agradecimentos a Deus de louvação de gratidão, de reconhecimento de sua grandeza da sua magnitude hoje temos traduções de músicas infantis que as crianças fazem gesto, também os povos como os tupaius que tem canções próprias, Vila Franca também tem suas próprias canções cantam sua vida, seu lugar, seu jeito de ser, as suas vivências de experiências. Então a ludicidade está na música, no jeito como você canta, como você representa, como vive, as brincadeiras das crianças que não é só o ir pro rio tomar banho por tomar mas que tem todo um significado da sua relação com a mãe natureza no igarapé, na floresta, na trilha pra ir buscar a mandioca, pra fazer a farinha, criança participa de tudo e aprende com os adultos das aldeias não é só na escola então é a educação indígena que acontece na aldeia e a educação escolar indígena que acontece dentro da sala de aula, ou seja, não é só na sala de aula precisa acontecer em todo espaço da escola em todos laboratórios vivos da aldeia, porque ela perpassa ela transcende os muros das escolas a sala de aula ou seja, a educação escolar indígena não é só sala de aula tudo por ser sala de aula, a casa de farinha, o roçado, a horta, o espaço da trilha, pra caçada, pra pesca, a busca por instrumentos arqueológicos na própria aldeia, o banho na beira da praia se o professor organizar fazer jogos, a busca pelo alimento, catalogar a mãe natureza a partir das espécies das plantas tanto da floresta quanto as medicinais, plantas que alimentam, que são usadas pro artesanato tudo isso é currículo. Portanto, é dessa forma que quem faz a educação escolar indígena precisa entender e compreender que a educação escolar

indígena não é levar o conteúdo e colocar na lousa, deixando que os alunos nessa forma monótona aprendam sua cultura ou mantenham à viva, mais fácil de deixar morrer se continuar nessa prática”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho destaca a importância da ludicidade na educação indígena, particularmente nas aulas de Nheengatu como uma metodologia eficaz para promover o engajamento e a aprendizagem significativa. Através de atividades lúdicas, como jogos, músicas e danças é possível observar um aumento na motivação e na autoestima dos alunos, além de uma maior valorização da identidade cultural e das tradições indígenas. A incorporação de elementos culturais nas práticas pedagógicas não só facilita a assimilação de conteúdos, mas também reforça os laços comunitários e o pertencimento cultural.

A pesquisa revelou que, apesar dos avanços na implementação de práticas lúdicas e tecnológicas, ainda há desafios significativos a serem superados. A falta de infraestrutura adequada, a necessidade de formação contínua dos professores e a carência de políticas públicas eficazes são obstáculos que precisam ser enfrentados para garantir uma educação de qualidade e culturalmente relevante para os povos indígenas. Portanto, vale frisar que, tanto para os indígenas quanto para a universidade, é de suma importância a valorização desses aspectos, e que precisam ser trabalhados, pois desta forma a inclusão dos saberes, culturas e tradições dos povos tradicionais serão repassados como forma de aprendizado para os futuros educadores que estão em processo de formação, para assim estarem preparados para atuar em escolas indígenas como não indígenas, usando metodologias que venha a fazer esse tipo de ensinamento a se expandir, como troca de saberes, visto que para os indígenas as atividades lúdicas, como jogos, histórias facilitam a transmissão de conhecimentos, fortalecendo a identidade cultural e promovendo o aprendizado de forma envolvente, assim como evita a extinção do nheengatu e conecta as novas gerações com suas raízes.

Na universidade, a ludicidade traz metodologias inovadoras que contribui para que o ensino do nheengatu se torne mais atrativo, valorizando a diversidade linguística, promovendo também a interação entre estudantes indígenas e não indígenas, fomentando diálogos interculturais e desenvolvendo habilidades sociais como trabalho em equipe e empatia. Além disso, integra saberes tradicionais ao conhecimento acadêmico reconhecendo a importância da sabedoria indígena, tornando o aprendizado mais dinâmico e acessível, atraindo novas gerações para o estudo da língua nheengatu garantindo sua permanência cultural.

A revisão integrativa permitiu a identificação de práticas pedagógicas eficazes e a contribuição da ludicidade para o engajamento dos alunos e a valorização de suas tradições culturais. A utilização de materiais didáticos específicos, desenvolvidos em conjunto com as comunidades indígenas, mostrou-se essencial para o sucesso dessas metodologias. Além disso, a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na educação escolar indígena apresentou-se como uma ferramenta valiosa para promover a inclusão digital e a valorização cultural.

Em conclusão, este estudo reforça a necessidade de uma abordagem pedagógica que respeite e valorize as culturas indígenas, promovendo uma educação intercultural e inclusiva. As atividades lúdicas são fundamentais para a formação integral dos alunos, contribuindo para a preservação das línguas e tradições indígenas e para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes. Para que esses objetivos sejam plenamente alcançados, é essencial um esforço conjunto entre educadores, comunidades indígenas e formuladores de políticas públicas, garantindo que as práticas educacionais sejam adaptadas às realidades socioculturais dos indígenas e promovam a aprendizagem significativa e transformadora.

Este trabalho destaca a relevância da ludicidade como ferramenta essencial na educação indígena, particularmente nas aulas de Nheengatu, promovendo o engajamento e a aprendizagem significativa dos alunos. Através de atividades lúdicas, é possível observar uma valorização das tradições culturais e o fortalecimento da identidade dos estudantes, aspectos que são fundamentais para o ensino em comunidades indígenas. Além disso, a incorporação de metodologias lúdicas na formação de educadores indígenas e não indígenas traz uma contribuição indispensável para a preservação das línguas e tradições, conectando as novas gerações às suas raízes.

Para a universidade, este trabalho possui uma importância significativa, pois reforça a necessidade de formar futuros educadores que sejam sensíveis às especificidades culturais dos povos indígenas e que estejam preparados para atuar tanto em escolas indígenas quanto em contextos não indígenas. Ao valorizar os saberes tradicionais, as culturas e as línguas indígenas, como o Nheengatu, a universidade cumpre seu papel de promover a inclusão e o diálogo intercultural, formando profissionais capacitados a lidar com a diversidade cultural no ambiente

escolar. Assim, o estudo contribui diretamente para a construção de uma educação mais inclusiva e respeitosa, que reconhece e valoriza a riqueza cultural dos povos indígenas, garantindo que esses saberes sejam preservados e transmitidos para as futuras gerações. Vale ressaltar que a importância deste trabalho se revela em múltiplas dimensões, tanto para nós que escrevemos, quanto para a universidade. Para nós acadêmicos (as), a pesquisa e a escrita sobre a ludicidade nas aulas de nheengatu nos permitem aprofundar nosso entendimento sobre as práticas pedagógicas que valorizam as culturas tradicionais. Essa reflexão crítica não apenas enriquece nosso conhecimento acadêmico, mas também nos capacita a atuar de forma mais consciente e respeitosa em contextos educacionais diversos. Assim, contribuir para esse campo de estudo não só fortalece o papel da universidade na promoção da diversidade, mas também prepara futuros educadores para enfrentar os desafios de uma sociedade multicultural.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. S. S.; BARBOSA, C.; BESSA, S. A Importância Do Estímulo Ao Desenvolvimento Da Coordenação Motora Global E Final. *In: Congresso de Iniciação Científica, Estágio e Docência do Campus Formosa, 3., 2018, Formosa. Anais [...].* Formosa (GO): UEG, 2018. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/ciced/article/view/10507>. Acesso em: 27 dez. 2024.
- BACELAR, V. L. E. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- FILHO, F.A.V.; SILVA, S.R. O nheengatu no Rio Tapajós: Revitalização linguística e resistência política. *In: BARROS, Maria Cândida D. M. et al. (org). A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 3.* Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Disponível em: [https://exatas.ufpr.br/degraf\\_adrianaavaz/wp-content/uploads/sites/17/2014/11/2019\\_cap\\_instala%C3%A7%C3%A3o-art%C3%ADstica\\_e-book-A-Producao-do-Conhecimento-nas-Letras-Linguisticas-e-Artes-3.pdf](https://exatas.ufpr.br/degraf_adrianaavaz/wp-content/uploads/sites/17/2014/11/2019_cap_instala%C3%A7%C3%A3o-art%C3%ADstica_e-book-A-Producao-do-Conhecimento-nas-Letras-Linguisticas-e-Artes-3.pdf). Acesso em: 27 dez. 2024.
- BERTOLDO, J. V. Jogar e brincar. **Revista do professor**, Porto Alegre, v.6, p. 10-13, jan./mar, 2010.
- BOURSCHEID, S.; TURCATTO, J. **A importância do brincar no desenvolvimento infantil: o ato de brincar no desenvolvimento infantil**. 2017. Disponível em: <http://eferpaulofreire.recife.pe.gov.br/wp-content/uploads/2023/12/A-Importancia-do-Brincar-no-Desenvolvimento-infantil.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2024.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 18.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 15 dez. 2010. Seção 1, p. 34.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1998.
- BUENO, E. **Jogos e brincadeiras na educação infantil: ensinando de forma lúdica**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em: <https://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2010%20ELIZANGELA%20BUENO.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2024.
- CAMPOS, R. K. N.; PEREIRA, A. L. S. Primeiras iniciativas de educação da infância brasileira: uma abordagem histórica (1870 - 1940). *In: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 12., Curitiba. 2015. Anais [...].* Curitiba: PUCPR, out., 2015. Disponível em: <https://repositorio.ifs.edu.br/biblioteca/handle/123456789/609>. Acesso em: 27 dez. 2024.

CARMO, C. P.; VEIGA, E. C. F.; CINTRA, R. C.; LIMA, S. S. A ludicidade na educação infantil: Aprendizagem e desenvolvimento. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADES E EDUCAÇÃO, 4.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE, 6., 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba (PR): EDUCERE, 2017. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/educacao-infantil-sries-iniciais-apostila05.pdf>. Acesso em 27 dez. 2024.

CASTRO, A. **Jogos e brincadeiras para educação física: desenvolvendo a agilidade, a coordenação, o relaxamento, a resistência, a velocidade e a força**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2012.

CAVICCHIA, D. C. O Desenvolvimento da Criança nos Primeiros Anos de Vida. *In*: Universidade Estadual Paulista.; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. Caderno de Formação: Formação de Professores: Educação Infantil: princípios e fundamentos. São Paulo: **Cultura Acadêmica**, Unesp - Pró-Reitoria de Graduação, Univesp, 2010, v. 1, p. 13-27. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/224?mode=full>. Acesso em: 27 dez. 2024.

Conselho Municipal de Educação de Santarém (CME). **Resolução nº 001, de 25 de janeiro de 2019**. Santarém, Pará: CME, 2019.

COSTA, T.R.M. *et al.* Aplicação do lúdico para o ensino de saúde na educação médica da cidade de Parnaíba. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Piauí, v. 12, n. 11, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3833>. Acesso em: 27 dez. 2024.

FERREIRA, M. I.C. V.; MUNIZ, S. S. A Ludicidade Como Estratégia De Apoio Na Aprendizagem Dos Alunos Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas (TO), v. 7, n. 8, p. 325-336, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3367>. Acesso em: 27 dez. 2024.

GONÇALVES, E. F. **Ludicidade na Educação**. Repositório Institucional DSpace DOctum: Vitória, 2018. Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/handle/123456789/1256>. Acesso em: 27 dez. 2024.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

KIRIXI, S. **A Contribuições da ludicidade para o processo de aprendizagem na educação indígena: percepções de professores da EMEIEF Karo Bempó na Aldeia Kató, em Jacareacanga-Pará**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Itaituba-FAI, Itaituba, 2022. Disponível em: <https://www.faculadadedeitaituba.com.br/pdf.php?id=368&f=TCC-%20SANDRO%20KIRIXI.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2024.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 2010.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

MARTINS, F. D. P. et al. Efeito de tecnologia educacional jogo de tabuleiro no conhecimento de escolares sobre aleitamento materno. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**,

Ribeirão Preto, v. 26, p. 1-12, 2018. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/155885>. Acesso em: 27 dez. 2024.

MOCELIN, C. C. A Lateralidade no Desenvolvimento da Criança. Monografia apresentada como exigência parcial à disciplina Seminário de Monografia. Curitiba. 1995. Disponível em:  
<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/57365/CRISTIANE%20CLAUDIA%20MOCELIN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 de junho 2024

MOYLES, J. **The Role and Status of Play in Early Childhood Education**. Buckingham: Open University Press, 2002.

NASCIMENTO, F. S. M. S. **Ludicidade: aspectos teóricos e didáticos na aprendizagem**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, Araruna (PB), 2022. Disponível em:  
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/24023/1/FSMSN12072022.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2024.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Curso de Língua Geral (Nheengatu ou Tupi Moderno) – a língua das origens da civilização amazônica**. 2 ed. São Paulo: PaymBb Gráfica e Editora, 2016.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Brincar e viver: O lúdico na escola e na vida**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAIVA, M. R.; FEIJÃO PARENTE, J. R.; ROCHA BRANDÃO, I.; BOMFIM QUEIROZ, A. H. Metodologias Ativas De Ensino-Aprendizagem: Revisão Integrativa. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 145-153, 2017. Disponível em:  
<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049>. Acesso em: 27 dez. 2024.

PIAGET, J. **A contribuição do lúdico na Educação Infantil: Uma Visão Psicopedagógica**. Fonte: Portal da Educação, 1996.

PIAGET, J. **A Equilibração das Estruturas Cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?**. 20. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.

SANT'ANNA, A.; NASCIMENTO, P. R. A história do lúdico na educação. **REVEMAT**, Florianópolis (SC), v. 06, n. 2, p. 19-36, 2011. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-1322.2011v6n2p19>. Acesso em: 27 dez. 2024.

SOUZA, C. L.; ROIM, T. P. B. Metodologia de ensino na Educação Infantil. **Revista Científica de Ciências Aplicadas da FAIP**, Marília, v. 2, n. 3, 2015, 7 f. Disponível em:  
[http://faip.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/WqI9d4IR9SSDLb6\\_2016-6-15-19-15-46.pdf](http://faip.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/WqI9d4IR9SSDLb6_2016-6-15-19-15-46.pdf). Acesso em: 15 jul. 2024.

SILVA, A. F. F.; SANTOS, E. C. M. **A Importância do brincar na educação infantil**. Monografia (Curso de Especialização em Desafios do Trabalho Cotidiano: A educação das crianças de 0 a 10 anos) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Mesquita, 2009. Disponível em:  
[http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafios-cotidianos/arquivos/integra/integra\\_SILVA%20e%20SANTOS.pdf](http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafios-cotidianos/arquivos/integra/integra_SILVA%20e%20SANTOS.pdf). Acesso em: 27 dez. 2024.

SILVA, T. A. C. **Jogos e brincadeiras na escola**. (Paçoca) – 1. ed. São Paulo: Kids Move Fitness Programs, 2015.

TONIETTO, M. R.; VIEIRA, F. G. L.; DE PAULA, D. H. L.; WANDEMBRUCK, M. P. Brincar: uma experiência na teoria de Vygotsky. In: Congresso Nacional de Educação, 6., Congresso de Educação da PUCPR, 6. 2006, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Educere, 2006. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-259-TC.pdf>. Acesso em: 6 jun. de 2024.

TOURINO, R. C. C. T. **A importância e o significado do brincar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **A emergência étnica de povos indígena no baixo rio Tapajós, Amazônia**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33752/1/Emerg%c3%aancia%20%c3%a9tnica%20ind%c3%adgena%20no%20Baixo%20Tapaj%c3%b3s%20Amaz%c3%b4nia%20Tese%20Flor%c3%aancio%20Vaz%20Filho.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2024

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 5ª ed. São Paulo: Fontes, 1998

WINNICOTT, DW. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

## **APÊNDICE A – AUTOBIOGRAFIA**

Meu nome é Francidalva Alves Lopes, nasci em 22 de março de 1986, na aldeia Arimum, município de Santarém, Estado do Pará. Sou do povo Arapium, território Cobra Grande à margem esquerda do Rio Arapiuns. Meu pai se chama Olegário Lopes e minha mãe Tereza Alves Lopes uma família simples, mas sempre acolhedora, formada por 09 irmãos. Sempre estudei em escolas públicas mas nem todas foram na aldeia, em 2002 concluí o ensino fundamental na E.E.E.M. Álvaro Adolfo da Silveira em Santarém.

Em 2005 concluiu o ensino médio na E.E.E.M. Plácido de Castro no mesmo ano de 2005 passei para o curso de direito na ULBRA por questões de doença não pude concluir. Com o passar dos anos resolvi me inscrever no (PSEI)-Processo Seletivo Indígena de 2018 fui aprovada e ingressei na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), no ano de 2019 iniciei a Formação Básica Indígena (FBI).

Em 2020 dei início no curso de Licenciatura em Pedagogia depois de 4 anos de estudo em outubro de 2024 concluir, não sou a única filha com curso superior mais essa conquista me encheu de alegria e gratidão. Passei por muitos desafios e barreiras que pensei que não fosse conseguir, mas com ajuda de TUPÃ (DEUS). Sou mãe de 6 filhos, eles sempre foram minha motivação e incentivo.

Minha trajetória sempre será um testemunho vivo da resistência e determinação de uma mulher guerreira indígena que jamais desistirá de seus objetivos e seus sonhos que vão além da graduação continuará no mestrado e doutorado. A educação é o rio que flui, conectando nosso passado ao futuro.

Sou Francidalva Alves Lopes, filha da terra

## **APÊNDICE B – AUTOBIOGRAFIA**

Meu nome é Lenita Passos dos Santos, nasci em 1987, na aldeia Pajurá, município de Santarém, pertencente ao povo Tupinambá, à margem esquerda do Rio Tapajós. Sou filha de Miguel Carmo dos Santos e Divanilda Passos, uma família humilde e de bom coração, composta por cinco irmãs e dois irmãos. Passei minha infância toda na aldeia, sempre estudei em escolas públicas. Concluí o ensino fundamental em 2005. trabalhei como servente na escola Izidório Amaral da Aldeia por cinco anos, de 2013 a 2018. Em 2017, concluí o ensino médio pelo programa CEEJA. Em 2018, fui aprovada no Processo Seletivo Indígena (PSEI) e ingressei na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) para cursar Licenciatura em Pedagogia. iniciei a Formação Básica Indígena (FBI) em 2019, em 2020 iniciei o curso e concluir em 2024. Sou a única das filhas que concluiu uma faculdade, um feito que me enche de orgulho. Enfrentei inúmeras dificuldades e desafios, especialmente para minha família se adaptar em Santarém. No entanto, com a ajuda de Tupã, superamos todos os obstáculos. Sou mãe de três filhos, que são minha motivação e inspiração. Minha jornada é um testemunho da resiliência e determinação de uma mulher indígena que não desistiu de seus sonhos. Minha história é um exemplo de superação e realização. Acredito que a educação é fundamental para o desenvolvimento das comunidades indígenas. Espero inspirar outros a perseguir seus objetivos, independentemente dos desafios. Agradeço a minha família, comunidade e a meu Tupã (DEUS) pelo apoio e força. Minha jornada continua, mas estou orgulhosa do que já conquistei.

## ANEXO A – Números de alunos matriculados em escolas de áreas indígenas no Planalto



### Secretaria Municipal de Educação - SEMED

Av. Dr. Anysio Chaves, 712, Aeroporto Velho - CEP: 68.030-290 - Santarém/Pará  
Fone/Fax: (93) 3522-5890 / www.santarem.pa.gov.br

### NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS EM ESCOLAS DE ÁREAS INDÍGENAS Planalto ANO: 2024

Nº	Código INEP	Escola Municipal de Ensino Fundamental	Endereço	Bairro	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Iniciais					Sub Total 1º/5º	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Finais				Sub Total 6º/9º	Total do Ens. Fundamental	PROJovem	Creche	Pr-Escolar	EJA	Total Geral
					1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano		6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano							
					Escola Polo INDIGENA PROFª ANTONIO DE SOUSA PEDROSO																
1	15015580	Indígena Profª Antonio de Sousa Ped	Alter do Chão	Planalto	44	49	58	50	41	242	60	84	86	75	305	547	0	0	66	31	644
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 1 Escolas com a Polo )</b>					44	49	58	50	41	242	60	84	86	75	305	547	0	0	66	31	644
Escola Polo INDIGENA WAPURUM - TIP																					
2	15012360	Indígena Wapurum - Tip	Col. Agr. Açazal da Sagrada	Planalto	3	2	2	6	2	15	4	3	1	2	10	25	0	0	5	0	30
3	15162427	Santa Helena	Col. Amparador	Planalto	3	3	4	3	2	15	1	2	2	1	6	21	0	0	4	0	25
4	15518582	São Francisco	Col. São Pedro do Palhão -	Planalto	3	1	0	2	2	8	5	1	0	0	6	14	0	0	4	0	18
5	15014070	São Francisco	Col. São Fco Murumurutuba-	Planalto	5	5	7	5	2	24	7	3	2	3	15	39	0	0	9	0	48
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 4 Escolas com a Polo )</b>					14	11	13	16	8	62	17	9	5	6	37	99	0	0	22	0	121
Escola Polo JOSÉ ARLINDO BETCEL																					
6	15012778	José Arindo Betcel	Col. Ipaupixuna	Planalto	4	3	3	4	6	20	7	5	10	10	32	52	0	0	6	0	58
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 1 Escolas com a Polo )</b>					4	3	3	4	6	20	7	5	10	10	32	52	0	0	6	0	58
Escola Polo CEMEI INDÍGENA PROFª.MARILDA VASCONCELOS SOARES BORARI																					
7	15169170	CEMEI Indígena Profª.Marilda Vasco	Rua Agostinho Sardinha, SN	Planalto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	69	48	0	117
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 1 Escolas com a Polo )</b>					0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	69	48	0	117

NPD/Divisão de Estatística,29/08/2024

Página 1 de 2

Nº	Código INEP	Escola Municipal de Ensino Fundamental	Endereço	Bairro	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Iniciais					Sub Total 1º/5º	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Finais				Sub Total 6º/9º	Total do Ens. Fundamental	PROJovem	Creche	Pr-Escolar	EJA	Total Geral			
					1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano		6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano										
					<b>TOTAL DE:</b>																			
<b>TOTAL DE:</b>					Total Geral	62	63	74	70	55	324	84	98	101	91	374	698	0	69	142	31	940		
ESCOLAS LISTADAS NESTE RELATÓRIO:					7																			
ESCOLAS PARALISADAS NESTE RELATÓRIO:					0																			
ESCOLAS EM FUNCIONAMENTO:					7																			
CRECHE LISTADAS NESTE RELATÓRIO:					1																			
ESCOLAS QUE TÊM PRE ESCOLAR:					7																			
ESCOLAS QUE TÊM ENS.FUND.1º AO 5º ANO:					6																			
ESCOLAS QUE TÊM ENS.FUND.6º AO 9º ANO:					6																			
ESCOLAS QUE TÊM ENS.FUND.1º AO 9º ANO:					6																			
ESCOLAS QUE TÊM EJA:					1																			

NPD/Divisão de Estatística,29/08/2024

Página 2 de 2

## ANEXO B – Número de alunos matriculados em escolas de áreas indígenas do Tapajós



### Secretaria Municipal de Educação - SEMED

Av. Dr. Anysio Chaves, 712, Aeroporto Velho - CEP: 68.030-290 - Santarém/Pará  
Fone/Fax: (93) 3522-5890 / www.santarém.pa.gov.br

#### NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS EM ESCOLAS DE ÁREAS INDÍGENAS

Tapajós

ANO: 2024

Nº	Código INEP	Escola Municipal de Ensino Fundamental	Endereço	Bairro	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Iniciais					Sub Total 1º/5º	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Finais				Sub Total 6º/9º	Total do Ens. Fundamental	PROJ/EM	Corte	Pr. Escol	EJA	Total Geral
					1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano		6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano							
<b>Escola Polo INDIGENA TUPINAMBA JOSÉ DE MELO FILHO</b>																					
1	15015955	Indígena Tupinamba José de Melo Fi	Povoado do Amorim	Tapajós	6	7	8	8	9	38	8	11	16	21	56	94	0	0	14	0	108
2	15015670	Santíssima Trindade	Cabeceira do Uquena	Tapajós	6	3	3	6	6	24	0	0	0	0	0	24	0	0	10	0	34
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 2 Escolas com a Polo )</b>					12	10	11	14	15	62	8	11	16	21	56	118	0	0	24	0	142
<b>Escola Polo SANTA LUZIA</b>																					
3	15016021	Santa Luzia	Muratuba	Tapajós	5	4	3	9	7	28	14	7	10	9	40	68	0	0	13	0	81
4	15590020	Nossa Senhora da Saúde	Mirixituba	Tapajós	2	3	4	4	2	15	0	0	0	0	0	15	0	0	9	0	24
5	15590011	São Francisco	Tupanã - Santo Amaro	Tapajós	1	2	1	0	2	6	0	0	0	0	0	6	0	0	1	0	7
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 3 Escolas com a Polo )</b>					8	9	8	13	11	49	14	7	10	9	40	89	0	0	23	0	112
<b>Escola Polo ANTÔNIO PEDRO DOS REIS</b>																					
6	15015912	Antônio Pedro dos Reis	Enseada do Amorim	Tapajós	3	7	5	2	7	24	13	5	8	6	32	56	0	0	12	0	68
7	15175898	Indígena José Gregório do Carmo Tu	Aldeia Marabaixo	Tapajós	6	5	3	5	2	21	6	3	0	0	9	30	0	0	7	0	37
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 2 Escolas com a Polo )</b>					9	12	8	7	9	45	19	8	8	6	41	86	0	0	19	0	105
<b>Escola Polo NOSSA SENHORA DE FÁTIMA</b>																					
8	15015971	Nossa Senhora de Fátima	Jaurituba	Tapajós	5	7	4	2	5	23	8	7	12	15	42	65	0	0	6	0	71
9	15590550	São Sebastião	Paraná - Pixuna	Tapajós	2	2	3	2	3	12	0	0	0	0	0	12	0	0	8	0	20
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 2 Escolas com a Polo )</b>					7	9	7	4	8	35	8	7	12	15	42	77	0	0	14	0	91
<b>Escola Polo NOSSA SENHORA DE LOURDES</b>																					
10	15013286	Nossa Senhora de Lourdes	Capixauã - Vista Alegre	Tapajós	2	5	3	0	3	13	6	6	4	4	20	33	0	0	3	0	36
11	15589986	Santa Luzia	Mapirizinho	Tapajós	7	5	3	2	5	22	1	7	3	3	14	36	0	0	9	0	45

NPD/Divisão de Estatística,29/08/2024  
Página 1 de 3

Nº	Código INEP	Escola Municipal de Ensino Fundamental	Endereço	Bairro	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Iniciais					Sub Total 1º/5º	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Finais				Sub Total 6º/9º	Total do Ens. Fundamental	PROJ/EM	Corte	Pr. Escol	EJA	Total Geral
					1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano		6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano							
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 2 Escolas com a Polo )</b>					9	10	6	2	8	35	7	13	7	7	34	69	0	0	12	0	81
<b>Escola Polo LUIS ANTONIO ALMEIDA</b>																					
12	15015963	Luis Antonio Almeida	Cabeceira do Amorim	Tapajós	5	9	8	4	4	30	11	6	4	9	30	60	0	0	16	0	76
13	15013383	Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	Limãotuba	Tapajós	4	3	4	3	2	16	5	3	6	3	17	33	0	0	7	0	40
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 2 Escolas com a Polo )</b>					9	12	12	7	6	46	16	9	10	12	47	93	0	0	23	0	116
<b>Escola Polo IZIDÓRIO AMARAL</b>																					
14	15574725	Izidório Amaral	Pajurá	Tapajós	4	7	4	3	5	23	7	3	3	3	16	39	0	0	8	0	47
15	15169545	Florêncio Joaquim Caetano	Aldeia de São Caetano - Ens	Tapajós	1	7	3	3	1	15	5	2	3	3	13	28	0	0	6	0	34
16	15165108	Suraraitá Tupinambá	Aldeia São Fco - Parauá	Tapajós	2	4	1	4	2	13	8	1	4	5	18	31	0	0	10	0	41
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 3 Escolas com a Polo )</b>					7	18	8	10	8	51	20	6	10	11	47	98	0	0	24	0	122
<b>Escola Polo NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS</b>																					
17	15015653	Nossa Senhora das Graças	Solimões	Tapajós	7	8	8	5	9	37	5	8	7	3	23	60	0	0	17	0	77
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 1 Escolas com a Polo )</b>					7	8	8	5	9	37	5	8	7	3	23	60	0	0	17	0	77
<b>Escola Polo SÃO PEDRO</b>																					
18	15014550	São Pedro	Paricatuba	Tapajós	6	6	2	2	5	21	6	4	4	4	18	39	0	0	6	0	45
19	15174832	Anama Kirimbawa	Aldeia de Jateguara	Tapajós	5	0	1	5	0	11	5	0	3	1	9	20	0	0	2	0	22
20	15175901	Indígena Waykirum Tupinambá	Aldeia São Pedro	Tapajós	0	4	1	3	1	9	3	2	4	3	12	21	0	0	4	0	25
21	15177033	Indígena Yara Putyra	Aldeia Surucua	Tapajós	3	3	1	3	2	12	0	0	0	0	0	12	0	0	8	0	20
22	15590003	Menino Jesus	Jaca - Par/2021-reativ2022	Tapajós	2	2	1	2	4	11	0	0	0	0	0	11	0	0	2	0	13
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 5 Escolas com a Polo )</b>					16	15	6	15	12	64	14	6	11	8	39	103	0	0	22	0	125

NPD/Divisão de Estatística,29/08/2024  
Página 2 de 3

Nº	Código INEP	Escola Municipal de Ensino Fundamental	Endereço	Bairro	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Iniciais					Sub Total 1º/5º	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Finais				Sub Total 6º/9º	Total do Ens. Fundamental	PROCI/EM	Creche	Pré-Escolar	EJA	Total Geral
					1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano		6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano							
<b>TOTAL DE:</b>				<b>Total Geral</b>	84	103	74	77	86	424	111	75	91	92	369	793	0	0	178	0	971
ESCOLAS LISTADAS NESTE RELATÓRIO:		22																			
ESCOLAS PARALISADAS NESTE RELATÓRIO:		0																			
ESCOLAS EM FUNCIONAMENTO:		22																			
CRECHE LISTADAS NESTE RELATÓRIO:		0																			
ESCOLAS QUE TÊM PRÉ ESCOLAR:		22																			
ESCOLAS QUE TÊM ENS.FUND.1º AO 5º ANO:		22																			
ESCOLAS QUE TÊM ENS.FUND.6º AO 9º ANO:		16																			
ESCOLAS QUE TÊM ENS.FUND.1º AO 9º ANO:		16																			
ESCOLAS QUE TÊM EJA:		0																			

## ANEXO C – Número de alunos matriculados em escolas de áreas indígenas do Arapluis



**PREFEITURA DE  
SANTARÉM**

**Secretaria Municipal de Educação - SEMED**

Av. Dr. Anyisio Chaves, 712, Aeroporto Velho - CEP: 68.030-290 - Santarém/Pará  
Fone/Fax: (93) 3522-5890 / www.santarém.pa.gov.br

### NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS EM ESCOLAS DE ÁREAS INDÍGENAS

**Arapluis**

**ANO: 2024**

Nº	Código INEP	Escola Municipal de Ensino Fundamental	Endereço	Bairro	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Iniciais					Sub Total 1º/5º	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Finais				Sub Total 6º/9º	Total de Ens. Fundamental	PROJOVEM	C. Etche	Pré Escolar	EJA	Total Geral
					1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano		6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano							
<b>Escola Polo SÃO MIGUEL ARCANJO</b>																					
1	15016420	São Miguel Arcanjo	Vila São Miguel	Arapluis	6	6	2	4	8	26	8	11	12	12	43	69	0	0	7	0	76
2	15013022	Nossa Senhora das Graças	Atodi	Arapluis	5	5	3	4	4	21	7	3	2	4	16	37	0	0	5	0	42
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 2 Escolas com a Polo )</b>																					
<b>Escola Polo SÃO FRANCISCO</b>																					
3	15014169	São Francisco	Cachoeira do Maró	Arapluis	4	7	6	3	4	24	11	6	1	9	27	51	0	0	12	0	63
4	15014150	São Francisco	Boa Vista do Maró/Aldeia S.J	Arapluis	5	3	3	0	7	18	3	2	2	5	12	30	0	0	9	0	39
5	15540570	São Francisco	Novo Lugar	Arapluis	2	3	1	2	3	11	5	5	5	4	19	30	0	0	5	0	35
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 3 Escolas com a Polo )</b>																					
<b>Escola Polo NOSSA SENHORA DO CARMO</b>																					
6	15013340	Nossa Senhora do Carmo	Caruci	Arapluis	2	2	1	4	4	13	3	1	3	5	12	25	0	0	4	0	29
7	15225054	Nossa Senhora Aparecida	Arimum	Arapluis	1	4	0	2	1	8	1	1	0	5	7	15	0	0	7	0	22
8	15589900	Nossa Senhora de Fátima	Garimpo	Arapluis	2	1	2	2	2	9	0	2	3	2	7	16	0	0	3	0	19
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 3 Escolas com a Polo )</b>																					
<b>Escola Polo NOSSA SENHORA DE NAZARÉ</b>																					
9	15169537	Surara Emilia Arapyun	Aldeia de São Miguel	Arapluis	2	2	3	1	3	11	0	5	1	3	9	20	0	0	6	0	28
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 1 Escolas com a Polo )</b>																					
<b>Escola Polo SÃO FRANCISCO</b>																					
10	15014177	São Francisco	Lago da Praia	Arapluis	3	7	12	2	4	28	9	8	12	4	33	61	0	0	3	0	66
11	15169529	Surara Benvinda	Vila Franca	Arapluis	1	3	5	3	2	14	2	5	0	2	9	23	0	0	0	0	28

NPD/Divisão de Estatística, 11/10/2024

Página 1 de 6

Nº	Código INEP	Escola Municipal de Ensino Fundamental	Endereço	Bairro	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Iniciais					Sub Total 1º/5º	Ens.Fund. de 9 anos/ Série Finais				Sub Total 6º/9º	Total de Ens. Fundamental	PROJOVEM	C. Etche	Pré Escolar	EJA	Total Geral
					1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano		6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano							
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 2 Escolas com a Polo )</b>																					
<b>Escola Polo NOSSA SENHORA DE FÁTIMA</b>																					
12	15013049	Nossa Senhora de Fátima	Nova Vista	Arapluis	4	3	3	2	5	17	3	3	4	3	13	30	0	0	11	5	46
13	15169553	Anama Julieta Muruci	Com. de São Pedro	Arapluis	6	7	5	5	4	27	8	7	5	0	20	47	0	0	9	6	62
14	15567214	São João	São João - Tapira	Arapluis	0	2	2	3	0	7	0	0	0	0	7	0	0	3	0	10	
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 3 Escolas com a Polo )</b>																					
<b>Escola Polo SÃO JORGE</b>																					
15	15014304	São Jorge	Aminã	Arapluis	6	10	6	3	8	33	5	9	7	6	27	60	0	0	8	0	68
16	15581756	Rio Arapluis	Atrocal	Arapluis	7	8	1	9	3	28	6	4	4	2	16	44	0	0	12	0	56
17	15014436	São Luis	Novo Gunupá	Arapluis	3	0	0	2	2	7	0	0	0	0	7	0	0	3	0	10	
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 3 Escolas com a Polo )</b>																					
<b>Escola Polo SANTO ANTONIO</b>																					
18	15013901	Santo Antonio	Camará	Arapluis	2	5	7	3	2	19	14	17	15	7	53	72	0	0	9	0	81
19	15177050	Indígena Surara Flora Pereira de So	Aldeia de Esperança	Arapluis	7	0	0	2	2	11	4	4	8	5	21	32	0	0	3	0	35
20	15590577	Maria José Marques	Novo Horizonte	Arapluis	4	0	1	4	1	10	0	0	0	0	10	0	0	3	0	13	
21	15104036	Santa Terezinha	Braço Grande	Arapluis	0	3	0	0	0	3	1	0	1	3	5	8	0	0	4	0	12
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 4 Escolas com a Polo )</b>																					
<b>Escola Polo SANTA CRUZ</b>																					
22	15589935	Santa Cruz	Arapiranga	Arapluis	1	4	0	1	1	7	0	3	3	3	9	16	0	0	3	0	19
23	15162540	Nossa Senhora da Saúde	Aldeia Zaire	Arapluis	1	1	4	1	6	13	1	4	4	0	9	22	0	0	10	10	42
24	15160327	São Sebastião	Aldeia São Sebastião	Arapluis	2	2	3	3	1	11	3	2	1	1	7	18	0	0	1	0	19
25	15582620	Sorriso de Maria	Aningalzinho	Arapluis	2	3	4	3	3	15	5	1	4	8	18	33	0	0	8	0	41
<b>TOTAL DE ESCOLAS NO POLO = ( 4 Escolas com a Polo )</b>																					

NPD/Divisão de Estatística, 11/10/2024  
Página 2 de 3